

Universidade de Lisboa



A utilização de vídeos enquanto estratégia para a
promoção da motivação dos alunos: o caso de uma
turma do 10º ano na disciplina de Economia

José Artur Pinto Marques Gomes

Mestrado em Ensino da Economia e Contabilidade

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientado
pelo Professor Belmiro Gil Cabrito

2016

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Belmiro Gil Cabrito por ter assistido às minhas aulas em Vila Nova de Gaia.

Agradeço também a todos os professores do mestrado, pela colaboração e apoio.

Agradeço à professora Irma da escola da Escola Secundária António Sérgio pelos conhecimentos partilhados, aos alunos da turma de Economia do curso de técnico de receção aos quais lecionei as aulas, e à diretora da Escola Secundária António Sérgio.

Agradeço à minha família e namorada pela colaboração e pela compreensão por tantas ausências causadas pelas viagens a Lisboa.

Índice

Agradecimentos	iii
Índice	iv
Índice de anexos	v
Siglas e abreviaturas	vi
Índice de figuras	vii
Índice de gráficos	viii
Índice de tabelas	x
Resumo	xi
Abstract	xii
Capítulo 1- Introdução e metodologias	1
1.1 Introdução	1
1.2 Questões e metodologias de investigação	3
Capítulo 2 - Contextualização teórica	6
2.1 O ensino da Economia	6
2.2 O ensino profissional	11
2.3 Motivação	20
2.4 A utilização de vídeos enquanto estratégia de ensino	24
Capítulo 3 - Trabalho concreto na escola	27
3.1 Caracterização da escola	27
3.2 Caracterização da turma	29
3.3 Intervenção	31
3.4 Análise de dados	41
3.5 Reflexões e conclusões sobre as aulas	51
Referências	53
Anexos	55

Índice de anexos

Anexo 1 - Horário das aulas de Economia	55
Anexo 2 Inquérito à Turma Cooperante	56
Anexo 3 - Planificação Anual	57
Anexo 4 - Planificação de médio prazo	63
Anexo 5 - Matriz de objetivos e conteúdos	66
Anexo 6 - Diário de Campo	67
Anexo 7 - Planos das aulas lecionadas	72
Anexo 8 - Grelha de observação de aulas	82
Anexo 9 - Guiões dos vídeos	83
Anexo 10 - Autorização para aplicação de questionário	88
Anexo 11 - Powerpoints utilizados nas aulas	89

Siglas e abreviaturas

ESAS - Escola Secundária António Sérgio

IPP3 - Introdução à prática profissional 3

IPP4 - Introdução à prática profissional 4

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

Índice de figuras

Figura 1 - Módulos de Economia	10
Figura 2 – Plano de estudos do curso técnico de receção	18
Figura 3 - As quatro perspetivas sobre motivação	20
Figura 4 - Modelo de atribuição causal de Weiner	22
Figura 5 - Entrada da ESAS	27
Figura 6 - Nova tecnologia de pagamento por telemóvel sem contacto	35
Figura 7 - Chip substitui dinheiro na Dinamarca	36
Figura 8 - O que é a inflação.	37
Figura 9 - O IPC	38
Figura 10 - Protestos no Zimbabué por receio de nova onda de hiperinflação	39

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Distribuições de classificações por tipo de aluno na disciplina de Economia a na 1ª fase em 2016	8
Gráfico 2 - Distribuições de classificações por tipo de aluno na disciplina de Economia a na 2ª fase em 2016	8
Gráfico 3 - Índice de variação do número de alunos e de docentes, em Portugal (2000/01 –2014/15)	11
Gráfico 4 - Distribuição dos alunos matriculados no ensino secundário, por modalidade de ensino	12
Gráfico 5 - Taxa de conclusão no ensino secundário, por orientação curricular	13
Gráfico 6 - Percentagem de diplomados do ensino secundário que prosseguem estudos	16
Gráfico 7 - Distribuição percentual dos professores do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário por habilitação académica	17
Gráfico 8 - Relação alunos/computador com ligação à internet	18
Gráfico 9 - Sucesso na disciplina	41
Gráfico 10 - Motivação nas aulas de Economia	41
Gráfico 11 - O impacto da utilização de vídeos na motivação	42
Gráfico 12 - Sugestões dos alunos para aumentar a motivação	43
Gráfico 13 - Atribuição causal dos insucessos na disciplina de Economia	44
Gráfico 14 - Percentagem de alunos que já reprovaram em anos letivos anteriores.	45
Gráfico 15 - Atribuição causal das reprovações em anos letivos anteriores.	46
Gráfico 16 - Percentagem de alunos que escolheram este curso como primeira opção.	47
Gráfico 17 - Motivos pelos quais os alunos escolheram este curso como primeira opção	48
Gráfico 18 - Motivos pelos quais os alunos que não escolheram este curso como primeira opção acabaram a frequentar este curso	48
Gráfico 19 - Escolhas dos alunos até ao final do 12º ano	49

Gráfico 20 - Atividades preferidas dos alunos nas aulas de Economia	50
Gráfico 21 - Percentagem de alunos que gostam das aulas de economia e da disciplina de Economia	50

Índice de tabelas

Tabela 1 - Alunos matriculados no ensino secundário por modalidade de ensino, em Portugal (2000/01 –2014/15)	12
Tabela 2 - Alunos que concluíram o ensino secundário, por modalidade de ensino	13
Tabela 3 - Percentagem de mulheres entre os diplomados do ensino secundário	14
Tabela 4 - Idade média dos alunos diplomados do ensino secundário	15
Tabela 5 - Professores do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário por habilitação académica	17

Resumo

O presente trabalho foi elaborado na unidade curricular de Introdução à Prática Profissional IV do mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

O trabalho foi desenvolvido na Escola Secundária António Sérgio (ESAS), em Vila Nova de Gaia, na turma J do 10º ano de escolaridade, do curso de técnico de receção.

Os alunos eram jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, que utilizam diariamente computadores ou telemóveis.

Na lecionação das aulas de Economia do 10.º ano de escolaridade foram utilizadas novas tecnologias.

Na planificação foi incluída a exibição de um vídeo em cada uma das cinco aulas lecionadas, bem como a exibição de powerpoints.

O objetivo era o de verificar se a exibição de vídeos poderia elevar o nível de motivação dos alunos nas aulas.

As aulas foram lecionadas na unidade 4 - Moeda e financiamento da actividade económica.

Para a recolha dos dados foram utilizadas, nomeadamente, grelhas de observação, inquérito por questionário e diário de campo.

A maioria dos alunos considerou que a exibição de vídeos serviu para aumentar a sua motivação nas aulas de Economia.

Palavras chave: vídeos, motivação, ensino, economia

Abstract

This work was done in the course of Introduction to Professional Practice IV of the Master in Education of Economics and Accounting from the Institute of Education, in the University of Lisbon.

The work was developed in the high school António Sérgio (ESAS), in Vila Nova de Gaia, in J class of the 10th grade, in the technical course of receptionist.

The students were young people aged between 14 and 17 years, who daily use computers and mobile phones.

New technologies such as the exhibition of videos and powerpoints were used in the teaching of Economy classes of the 10th grade.

In the planning was included the exhibition of a video in each one of the five classes.

The goal of this investigation was to verify if the videos exhibition could raise the level of student motivation in the class.

The lessons were lectured in Unit 4 - Money and financing of economic activity.

For data collection were used observation grids, questionnaire survey and field diary.

Most of the students found that the exhibition of videos is useful to increase their motivation in economics classes.

Keywords: videos, motivation, teaching, economy

Capítulo 1- Introdução e metodologias

1.1 Introdução

O presente relatório de prática de ensino supervisionada foi efetuado no âmbito da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional IV do Mestrado em Ensino da Economia e Contabilidade, e foi desenvolvido na Escola Secundária António Sérgio, em Vila Nova de Gaia, na turma J do 10º ano do curso de técnico de receção.

O principal problema identificado foi a desmotivação dos alunos, a professora cooperante leciona duas turmas do 10º ano, e, na sua opinião, os alunos da turma J do curso de técnico de receção estão menos motivados e são mais indisciplinados do que os alunos da outra turma, que é uma turma do ensino regular.

O tema deste trabalho é:

"A utilização de vídeos enquanto estratégia para a promoção da motivação dos alunos : o caso de uma turma do 10º ano na disciplina de Economia"

O objetivo da investigação será questionar se a utilização dos vídeos poderá conduzir os alunos a maiores níveis de motivação.

A abordagem será qualitativa. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a abordagem qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave. A abordagem qualitativa é predominantemente descritiva, no sentido em que os dados são predominantemente em forma de palavras (e não em forma de números). A análise dos dados segue um processo indutivo.

As aulas que lecionei na ESAS foram da unidade 4 - Moeda e Financiamento da Actividade Económica, e a planificação está nos anexos 3 e 4.

Na componente investigativa deste trabalho vou abordar o ensino da economia, o ensino profissional, a motivação, e as estratégias que utilizei nas aulas, estratégias essas que passaram principalmente pela utilização de vídeos. Em conformidade com Moran (1995) eu utilizei os vídeos para introduzir novos assuntos, despertando dessa forma a curiosidade dos alunos para com os novos temas. Isso serviu para aprofundar os conteúdos do vídeo e da matéria. Moran (1995) escreveu também que o vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, do próximo,

do que toca todos os sentidos, e será precisamente esta ligação com os sentidos que poderá contribuir para o aumento do interesse, e consequentemente, para o aumento de motivação dos alunos.

Segundo Rodrigues (2012) a estratégia de visualização de vídeos para além de permitir o contacto com a realidade económica e social, pretende também constituir um fator de motivação e atenção dos alunos.

O capítulo 3 será sobre o trabalho concreto na escola, começando pela caracterização da escola e da turma. Este capítulo também incluirá uma descrição detalhada das aulas lecionadas e uma análise dos dados.

Por último irei escrever uma reflexão e conclusão sobre a forma como decorreu o trabalho.

1.2 Questões e metodologias de investigação

O principal problema identificado foi a desmotivação dos alunos, a professora cooperante considera que os alunos da turma J estão pouco motivados e são algo indisciplinados. Seis alunos desistiram durante o ano letivo, e vários alunos foram expulsos das aulas de outras disciplinas.

O tema do meu trabalho é:

"A utilização de vídeos enquanto estratégia para a promoção da motivação dos alunos: o caso de uma turma do 10º ano na disciplina de Economia"

O objetivo da investigação será verificar se os alunos irão ficar mais motivados com a utilização de vídeos.

A abordagem será qualitativa.

Segundo Bogdan & Biklen (1994) na investigação qualitativa o investigador recolhe os dados diretamente no terreno. Estes dados podem incluir entrevistas e anotações no diário de campo. A preocupação é maior com o processo do que com o produto. A análise dos dados segue um processo indutivo, Bogdan & Biklen (1994) escreveram que *"Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes."*

Segundo Carmo (1990, p. 81) a investigação segue cinco etapas:

Primeira etapa - "Formulação do problema" - Depois de acertada a colaboração da professora cooperante e do professor Belmiro, sem os quais não teria sido possível realizar este trabalho em Vila Nova de Gaia, foi necessário escolher a turma cooperante. Na ESAS a professora cooperante lecionava duas turmas, uma turma do ensino regular, e uma turma do ensino profissional, e, segundo a professora cooperante, a turma onde existiam mais problemas de motivação era a turma J do 10º ano do ensino profissional. Fui alertado pela professora cooperante de que esta turma J do ensino profissional era complicada em termos disciplinares. Logo no início do ano letivo ocorreram desistências e alguns alunos foram expulsos.

Apesar de nesta turma J o desafio e a dificuldade serem maiores, não tive dúvidas em escolhê-la. A intervenção investigativa seria muito mais aliciente numa

turma menos motivada. Existe uma maior margem para aumentar a motivação num turma desmotivada, do que numa turma onde a motivação já é elevada.

Durante a minha intervenção no âmbito da cadeira de Introdução à prática profissional 3 (IPP3) verifiquei que todas as salas tinham os recursos (projetor e computador) necessários para que eu pudesse colocar em prática uma metodologia e uma estratégia de intervenção que envolvesse o uso de novas tecnologias em Introdução à prática profissional 4 (IPP4). Optei então por uma estratégia de exibição de vídeos, com o objetivo de verificar se essa utilização de vídeos teria, ou não, impacto na motivação dos alunos.

Outro motivo que contribuiu para a escolha da exibição de vídeos foi o facto da Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2005, p. 3) referir, no programa da disciplina de Economia que " - promover a utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC)" é uma das finalidades da disciplina.

Pretende-se com este trabalho responder à seguinte questão de investigação:

"Poderá a utilização de vídeos aumentar a motivação dos alunos de uma turma do 10º ano do Ensino Profissional? "

Segunda etapa - "Planeamento das operações" - A ESAS foi sugerida pelos professores do Instituto da Educação em Lisboa, tendo em conta que eu sou do Porto, e que em anos anteriores a professora cooperante da ESAS já tinha colaborado com outros mestrados do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Foi necessária a colaboração do professor Belmiro para assistir a algumas das minhas aulas na ESAS. Em seguida foi assinado o protocolo de colaboração, e foi recolhida a informação sobre a escola, sendo que na data em que procurei essa informação o Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas António Sérgio (2014-2017) não estava disponível online. Tive que fazer um pedido à direção da ESAS para receber o Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas António Sérgio (2014-2017) no meu correio electrónico.

As aulas que observei e que lecionei foram calendarizadas de acordo com a disponibilidade da professora cooperante e do professor Belmiro.

Esta Segunda etapa englobou a planificação das aulas, desde os planos de aula até à escolha criteriosa dos vídeos a exibir durante as aulas. Foram exibidos ao todo cinco vídeos, tendo sido exibido um vídeo em cada uma das aulas lecionadas. Também criei guiões dos vídeos que exibi nas aulas. Os guiões dos vídeos

consistiam em algumas perguntas sobre cada um dos vídeos exibidos. Os guiões dos vídeos não foram entregues aos alunos, ficaram na minha posse, e, nalguns casos, foram exibidos em powerpoint. De referir que em todas as aulas foram utilizados powerpoints da minha autoria, que estão disponíveis no anexo 11.

Terceira etapa - “Recolha dos dados” - Durante as aulas observadas e lecionadas escrevi notas de campo que foram depois organizadas num diário de campo, neste diário de campo incluí também as reflexões pós aula.

Também utilizei grelhas de observação das aulas lecionadas, e, por último, e após o final das aulas lecionadas, foi distribuído aos alunos um inquérito por questionário. Esse questionário continha apenas questões sobre o percurso escolar dos alunos e sobre a motivação, não continha questões pessoais sobre os alunos nem sobre as famílias dos alunos. Os alunos demoraram, no máximo, 20 minutos a responder ao questionário.

Quarta etapa - “Análise e interpretação dos dados” - A interpretação dos dados seguiu uma metodologia qualitativa, que utilizou os dados recolhidos no terreno, relacionando os resultados obtidos com a análise teórica da motivação. Esta análise está no capítulo 3, no ponto 3.4 "Análise de dados".

Quinta etapa - “Apresentação dos resultados” - A apresentação de resultados também está no capítulo 3, nos pontos 3.4 "Análise de dados" e 3.5 "Reflexões e conclusões sobre as aulas".

Capítulo 2 - Contextualização teórica

2.1- O Ensino da Economia

Uma das características mais importantes para o ensino da economia é "ser um bom professor". Mas o que é um "bom professor"?

Segundo Nóvoa (2009) existem cinco disposições que são essenciais à definição dos professores nos dias de hoje:

- 1 - O conhecimento.
- 2 - A cultura profissional.
- 3 - O tato pedagógico.
- 4 - O trabalho em equipa.
- 5 - O compromisso social.

Destes pontos eu destaco o conhecimento, os professores precisam de conhecer bem aquilo que ensinam, o domínio científico da Economia é absolutamente imprescindível. Sem esse conhecimento tudo o resto é irrisório.

Um bom professor terá que seguir uma estratégia, mas em que consiste uma estratégia de ensino?

Segundo Roldão (2009) a estratégia, enquanto conceção global de uma ação, deve ser organizada tendo em vista a sua eficácia. Também segundo Roldão (2009) a estratégia da ação docente deve estar orientada para a melhoria das aprendizagens dos alunos.

De acordo com Arends (2008) ao professor cabe, hoje, um papel que vai muito para além de ensinar. O professor confronta-se diariamente com todo um rol de esperanças, dúvidas, alegrias, frustrações, conflitos por parte dos seus alunos, fruto da sua vivência interrelacional.

Os professores devem formar os alunos enquanto pessoas, ou seja, os professores devem contribuir para a autonomia pessoal e integração social do aluno.

O ensino da Economia é essencial para que os alunos compreendam a dimensão global da realidade social que os rodeia. Os alunos deverão também compreender a dimensão ética das decisões económicas. Para além de tudo isto, o ensino da Economia é fundamental para a formação económica da população.

O ensino da Economia também serve para consciencializar os alunos para a preservação do meio ambiente, ao introduzir e aprofundar conceitos como o desenvolvimento sustentável e o consumerismo.

Segundo a opinião de Castro (2013), a economia, geralmente, desperta o interesse dos alunos porque tem a ver com a vida quotidiana das pessoas, pelo que o professor tem o caminho facilitado para tornar a aprendizagem relevante para o aluno. O professor deve partir da experiência dos alunos, levando à construção do conhecimento com base nas experiências económicas que os alunos realizam na sua vida quotidiana e da investigação escolar, ou seja, o conhecimento da realidade através do trabalho escolar (levantamento de problemas, pesquisa e análise de informação e conclusões). É isto que geralmente faço nas minhas aulas.

Segundo Castro (2013) os objetivos do ensino da economia enquadram-se nos objetivos do ensino secundário presentes no artigo 9.º da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), nomeadamente:

“Assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e técnica que constituam suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida ativa”(alínea a) do artigo 9.º da LBSE).

O ensino da economia em Portugal está incluído no ensino geral ou regular, e também no ensino recorrente. No ensino regular o ensino da economia está inserido no Curso de Ciências Socioeconómicas nas disciplinas de Economia A (10º e 11º ano) e Economia C (12º ano). Também existem aulas de Economia no Ensino Técnico e Profissional, normalmente em diversos cursos relacionados com a gestão de empresas, em várias opções curriculares existentes no 10.º ano e 11.º ano de escolaridade.

No gráfico 1 e no gráfico 2, ambos relativos aos exames nacionais do ensino secundário da disciplina de Economia A, podemos ver a distribuição das classificações do exame em 2016 na 1ª fase e na 2ª fase respetivamente. Nos últimos 3 anos a média obtida pelos alunos internos foi positiva quer na primeira fase quer na segunda fase dos exames nacionais. Em 2016 quer a média dos alunos internos quer a média dos alunos externos foi superior na 2ª fase (média de 119 para alunos

internos e de 99 para alunos externos) quando comparada como a média obtida na 1ª fase (média de 110 para alunos internos e de 80 para alunos externos).

EXAMES FINAIS NACIONAIS DO ENSINO SECUNDÁRIO 2016

Distribuições de Classificações por Tipo de Aluno

712 Economia A

1ª Fase

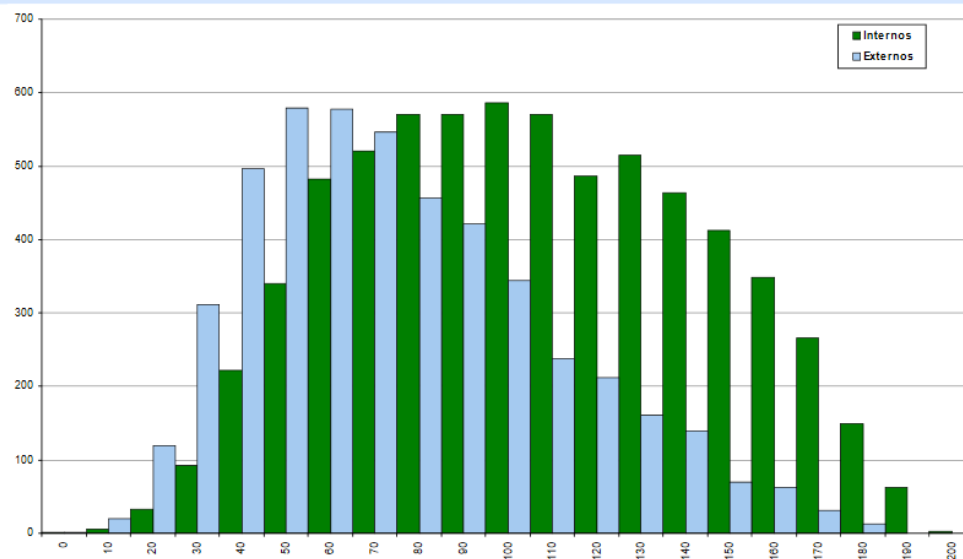


Gráfico 1 - Distribuições de classificações por tipo de aluno na disciplina de Economia A na 1ª fase em 2016.
Fonte: Júri Nacional de Exames. Dados estatísticos dos exames finais nacionais do ensino secundário - 1ª Fase - 2016 - - Distribuições de classificações por tipo de aluno, p. 4.

EXAMES FINAIS NACIONAIS DO ENSINO SECUNDÁRIO 2016

Distribuições de Classificações por Tipo de Aluno

712 Economia A

2ª Fase

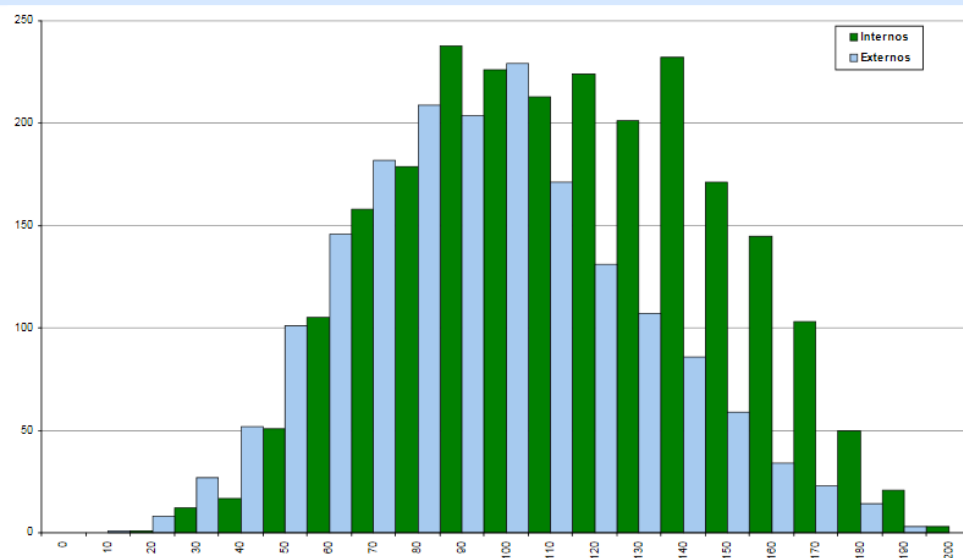


Gráfico 2 - Distribuições de classificações por tipo de aluno na disciplina de Economia A na 2ª fase em 2016.
Fonte: Júri Nacional de Exames. Dados estatísticos dos exames finais nacionais do ensino secundário - 2ª Fase - 2016 - - Distribuições de classificações por tipo de aluno, p. 4.

Os gráficos 1 e 2 são úteis para verificarmos que os alunos internos obtêm melhores resultados do que os alunos externos. Segundo a Direção-Geral do Ensino Superior (DGES) os alunos do ensino recorrente, dos cursos artísticos especializados e dos cursos profissionais que pretendam prosseguir estudos no ensino superior têm que se inscrever no exame nacional de Economia A como alunos externos, ou autopropostos.

Como já referi anteriormente, no curso do ensino profissional de técnico de receção na ESAS, a disciplina lecionada por mim foi a de Economia. A Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2005, p. 3) define assim a disciplina:

"A disciplina de Economia integra esta componente em cursos de várias famílias profissionais, com uma carga horária total de 200 horas.

O estudo da Economia permite a aquisição de instrumentos fundamentais, quer para entender a dimensão económica da realidade social, quer para descodificar a terminologia económica, hoje tão utilizada na linguagem corrente, em especial, nos meios de comunicação social. Favorece ainda um melhor conhecimento e compreensão das sociedades contemporâneas, cada vez mais globais e em mudança acelerada, podendo assim contribuir para a formação do cidadão, educando para a cidadania, para a mudança e para o desenvolvimento.

A disciplina de Economia permite que os alunos desenvolvam conhecimentos, capacidades e atitudes que lhes facilitem a aprendizagem de competências-base associadas às qualificações visadas pelos respectivos cursos. De facto, num curso profissional revela-se muito importante a dimensão instrumental da Economia, para a compreensão dos contextos de trabalho dos futuros técnicos."

Ainda segundo a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2005) a disciplina de Economia é constituída por 8 módulos com a duração de dois anos letivos.

O 10º ano corresponde aos módulos 1, 2, 3 e 4. O 11º ano corresponde aos módulos 5, 6, 7 e 8.

É importante referir que os alunos que reprovam num módulo não estão impedidos de realizar o módulo seguinte. Segundo a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2005) a estrutura curricular organizada por módulos permite uma maior flexibilidade e um maior respeito pelos ritmos de aprendizagem dos alunos.

Número	Designação	Duração de referência (horas)
1	A Economia e o Problema Económico	18
2	Agentes Económicos e Actividades Económicas	33
3	Mercados de Bens e Serviços e de Factores Produtivos	24
4	Moeda e Financiamento da Actividade Económica	24
5	O Estado e a Actividade Económica	24
6	A Interdependência das Economias Actuais	24
7	Crescimento, Desenvolvimento e Flutuações da Actividade Económica	27
8	A Economia Portuguesa na Actualidade	24

Figura 1 - Módulos de Economia. Fonte - Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2005, p.9)

No final de cada módulo de Economia, os alunos têm que realizar um teste sumativo. Os alunos que obtiverem uma classificação inferior a 10 valores no teste sumativo terão que fazer um teste de recuperação.

Eu lecionei uma parte da unidade 4 : Moeda e Financiamento da Actividade Económica.

Para além do teste no final do módulo 4, os alunos fizeram também dois trabalhos neste módulo, sendo um deles obrigatório e o outro facultativo.

A Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2005, p. 30) apresenta o módulo 4 da seguinte maneira:

"Com este módulo, pretende-se que os alunos caracterizem as funções da moeda e os suportes que esta tem assumido ao longo do tempo. Sendo a moeda utilizada na compra de bens e de serviços, também se pretende que os alunos conheçam factores que condicionam a formação dos preços dos bens e dos serviços, bem como o fenómeno da inflação.

Seguidamente, e no sentido de continuar a ilustrar as diversas actividades económicas, propõe-se o estudo da utilização dos rendimentos na sua vertente da poupança, relacionando-a com o financiamento da actividade económica. Neste contexto, privilegiar-se-á o estudo do investimento, dada a sua grande importância para a economia."

2.2 O Ensino Profissional

Na ESAS lecionei uma turma do ensino profissional, por esse motivo vou analisar neste capítulo a evolução que o ensino profissional teve nos últimos anos em Portugal.

Segundo a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (ANQEP), um curso profissional é um curso de ensino secundário com um referencial temporal de três anos letivos, vocacionado para a qualificação inicial dos jovens, privilegiando a sua inserção no mundo do trabalho e permitindo o prosseguimento de estudos. Confere diploma de conclusão do ensino secundário e certificado de qualificação profissional de nível 3.

Segundo a Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016) quer o número de alunos no ensino básico e secundário, quer o número de docentes tem estado em queda desde 2009.

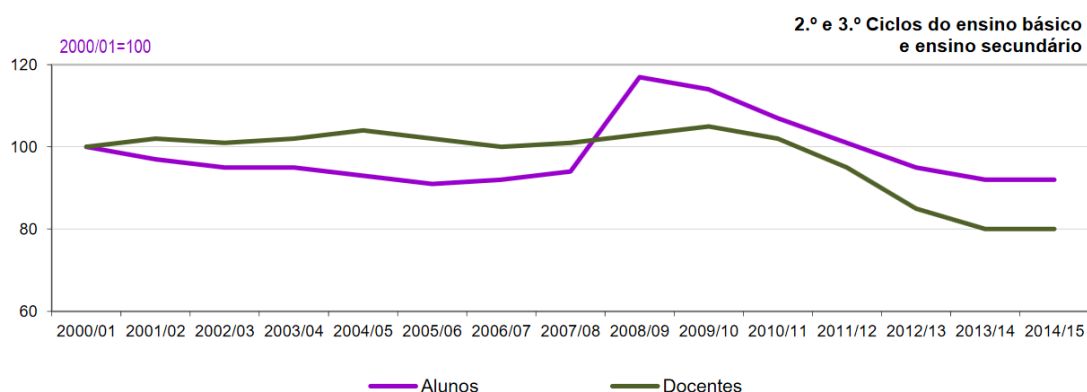


Gráfico 3 - Índice de variação do número de alunos e de docentes, em Portugal (2000/01 – 2014/15). Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). Educação em Números Portugal 2016, p. 14.

Apesar desta descida do número total de alunos matriculados a partir de 2009, o número de alunos nos cursos profissionais têm aumentado de forma impressionante nos últimos anos. Na tabela 1 constatamos que 203790 alunos frequentavam o chamado ensino regular em 2015, o equivalente a 51,7% de toda a oferta formativa. É importante ter em conta que em 2015 29,1% dos alunos já frequentavam cursos profissionais, e 48,3% dos alunos já frequentavam percursos alternativos ao ensino regular.

Tabela 1.4.3. Alunos matriculados no ensino secundário por modalidade de ensino, em Portugal (2000/01 – 2014/15)

Ano letivo	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Modalidade de ensino															
Total	413 748	397 532	385 589	382 212	376 896	347 400	356 711	349 477	498 327	483 982	440 895	411 238	398 447	385 210	393 618
Cursos científico-humanísticos / gerais	241 850	224 077	213 731	212 342	205 671	188 460	196 023	196 216	195 330	197 582	197 918	199 131	201 118	200 860	203 790
Cursos tecnológicos	64 944	58 264	53 973	52 850	59 474	52 228	42 820	25 673	20 212	14 577	13 315	10 145	5 976	4 458	3 752
Artístico especializado (1)	2 077	2 156	2 098	2 196	2 184	2 063	2 256	2 264	2 527	2 348	2 283	2 341	2 462	2 529	2 521
Cursos profissionais	30 668	33 799	33 587	34 399	36 765	36 943	47 709	70 177	93 438	107 266	110 462	113 749	115 885	117 699	114 848
Cursos de aprendizagem	x	x	x	x	x	x	x	x	13 584	17 619	18 669	21 056	33 366	35 400	33 030
Cursos vocacionais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	379	2 021
Cursos CEF	-	-	2 353	2 877	2 832	3 422	5 224	8 425	4 388	2 320	2 117	2 012	3 025	1 920	825
Cursos EFA	-	-	-	-	-	-	-	15 831	52 214	41 773	39 467	28 005	18 386	12 735	19 830
Recorrente	74 209	79 236	79 847	77 548	69 970	64 284	62 679	30 891	18 208	12 578	8 323	6 058	6 970	8 792	9 807
RVCC	x	x	x	x	x	x	x	x	98 426	86 956	47 945	28 269	10 833	350	2 902
Formações modulares	x	x	x	x	x	x	x	x	x	963	396	472	426	88	292

Tabela 1 - Alunos matriculados no ensino secundário por modalidade de ensino, em Portugal (2000/01 – 2014/15). Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). Educação em Números Portugal 2016, p. 46.

Gráfico 1.4.1. Distribuição dos alunos matriculados no ensino secundário, por modalidade de ensino, em Portugal - Jovens (2000/01 e 2014/15)

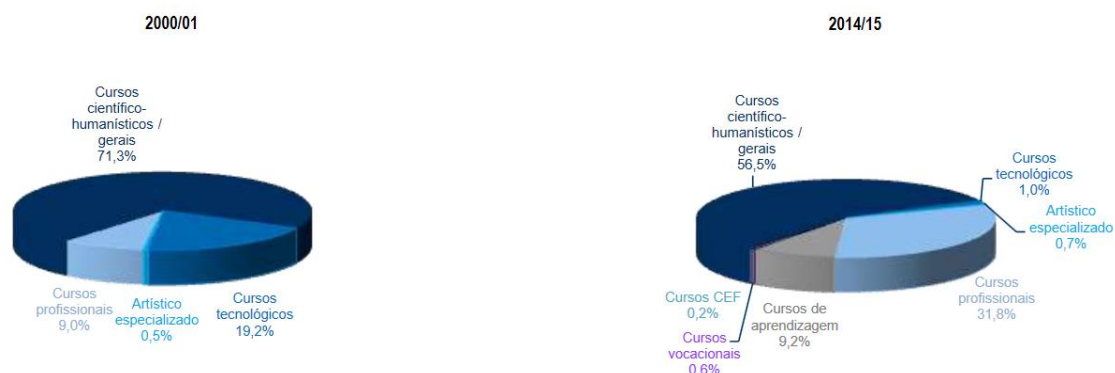


Gráfico 4 - Distribuição dos alunos matriculados no ensino secundário, por modalidade de ensino - Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). Educação em Números Portugal 2016, p. 47.

No gráfico 4 podemos observar que o peso dos alunos matriculados nos cursos profissionais no total de alunos matriculados no ensino secundário passou de 9,0% em 2001 para 31,8% em 2015.

A tabela 2, relativa aos alunos que concluíram com sucesso o ensino secundário, confirma o enorme crescimento do ensino profissional nos últimos anos em Portugal. O ano letivo de 2014/2015 foi o ano letivo com o maior número de alunos de sempre a concluir o ensino secundário, na modalidade de ensino profissional (24410). Em 14 anos, o número de alunos que conseguiu concluir o 12º

ano no ensino profissional passou de 5207 para 24410, o que representa um crescimento superior a 400%.

Tabela 1.4.4. Alunos que concluíram o ensino secundário, por modalidade de ensino, em Portugal (2000/01 - 2014/15)

Ano letivo		2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Total		65 395	66 477	74 013	65 125	64 559	66 317	78 951	72 066	128 661	137 855	111 020	115 231	116 082	109 537	84 781
12.º Ano	Cursos científico-humanísticos / gerais	39 946	40 127	39 543	36 711	37 990	35 839	43 132	40 808	39 606	40 366	39 156	40 716	39 899	40 522	44 049
	Cursos tecnológicos	8 082	7 190	6 843	6 352	6 233	8 379	9 797	7 838	6 828	3 777	2 675	2 490	2 550	1 527	1 040
	Artístico especializado (1)	303	295	315	258	323	283	308	398	439	452	519	562	601	598	685
Cursos profissionais		5 207	5 779	7 940	6 768	7 654	8 338	8 591	9 216	15 203	21 351	23 493	22 885	21 466	23 893	24 410
Cursos de aprendizagem		x	x	x	x	x	x	x	x	1 461	2 148	1 875	16 985	26 958	28 830	x
Cursos vocacionais		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	191
Cursos CEF		-	-	-	-	197	339	2 533	5 109	2 643	1 073	684	761	590	1 383	170
Cursos EFA		-	-	-	-	-	-	-	376	11 763	16 269	18 517	15 130	8 932	6 612	8 543
Recorrente (2)		11 857	13 086	19 372	15 036	12 162	13 139	14 590	8 321	5 802	5 031	4 708	3 779	4 303	5 842	4 685
RVCC		x	x	x	x	x	x	x	x	44 916	47 173	18 997	11 451	10 357	242	856
Formações modulares		x	x	x	x	x	x	x	x	x	215	396	472	426	88	152

Tabela 2 - Alunos que concluíram o ensino secundário, por modalidade de ensino. Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). Educação em Números Portugal 2016, p. 51.

No ensino secundário, a taxa de conclusão de alunos nos cursos profissionais é similar à taxa de conclusão dos alunos do ensino regular, como é visível no gráfico 5.

Gráfico 1.4.5. Taxa de conclusão no ensino secundário, por orientação curricular, em Portugal (2000/01- 2014/15)

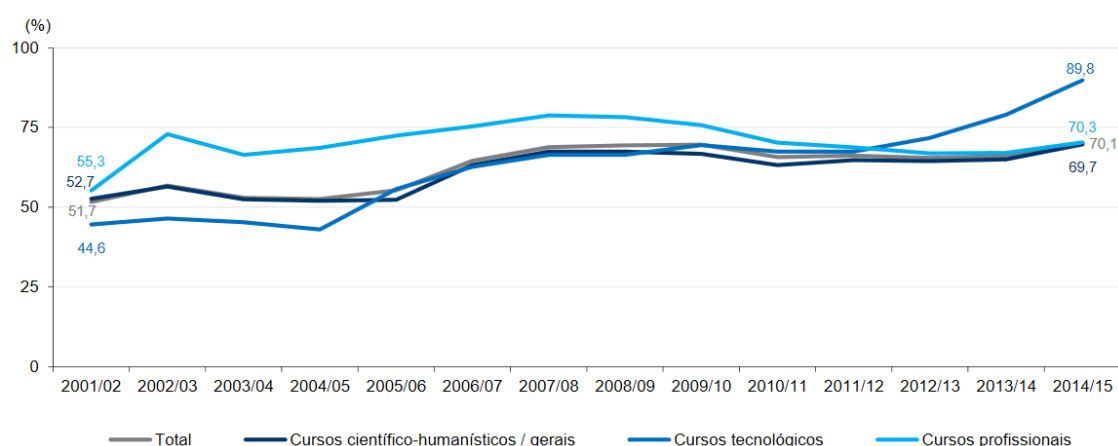


Gráfico 5 - Taxa de conclusão no ensino secundário, por orientação curricular. Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). Educação em Números Portugal 2016, p. 52.

Segundo a Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016), as mulheres preponderam, com margens significativas, entre os alunos diplomados do

ensino artístico especializado e dos cursos secundários científico-humanísticos, representando cerca de 71% e de 58%, respetivamente, destes diplomados. Os rapazes, por sua vez, estão em maioria entre os alunos diplomados dos cursos profissionais e dos cursos tecnológicos, embora, nestes casos, as margens de maioria sejam mais escassas.

A.3 - PERCENTAGEM DE MULHERES ENTRE OS DIPLOMADOS DO ENSINO SECUNDÁRIO, POR MODALIDADE DE ENSINO E ANO LETIVO¹

Tabela A.3

Modalidade do ensino secundário	Percentagem de mulheres entre os diplomados				
	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Cursos científico-humanísticos	60%	58%	58%	59%	58%
Cursos profissionais	51%	49%	49%	48%	47%
Cursos tecnológicos	42%	40%	38%	49%	46%
Ensino artístico especializado	65%	70%	67%	66%	71%

Tabela 3 - Percentagem de mulheres entre os diplomados do ensino secundário. Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). Transição entre o secundário e o superior - parte 1., p. 9.

Ainda segundo a Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016) os alunos diplomados dos cursos secundários profissionais são, em média, cerca de um ano mais velhos do que os seus colegas que concluem os cursos científico-humanísticos. Essa diferença é visível na tabela 4.

Esta diferença de idades será devida, sobretudo, a diferentes historiais de retenção ao longo do percurso escolar anterior. Pode-se portanto estimar que, atualmente, os alunos que concluem os cursos profissionais têm, em média, mais um ano de retenção do que os seus colegas que concluem os cursos científico-humanísticos.

Observe-se que este ano adicional de retenção não ocorre necessariamente durante o ensino secundário, podendo já ter ocorrido previamente, no ensino básico. A diferença de idades entre os diplomados destas duas grandes modalidades tem vindo a diminuir ligeiramente nos últimos anos, passando de uma diferença média de 1,2 anos em 2010/11, para uma diferença de 1,0 anos em 2014/15.

A.2 - IDADE MÉDIA DOS ALUNOS DIPLOMADOS DO ENSINO SECUNDÁRIO, POR MODALIDADE DE ENSINO E ANO LETIVO¹

Tabela A.2

Modalidade do ensino secundário	Idade média dos diplomados (em anos)				
	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Cursos científico-humanísticos	17,3	17,3	17,3	17,3	17,3
Cursos profissionais	18,5	18,5	18,5	18,4	18,3
Cursos tecnológicos	17,8	17,7	17,8	17,5	17,4
Ensino artístico especializado	17,7	17,7	17,6	17,6	17,7

Tabela 4 - Idade média dos alunos diplomados do ensino secundário. Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). Transição entre o secundário e o superior - parte 1., p. 7.

No gráfico 6 podemos observar duas diferenças. A primeira diferença, é que a percentagem de diplomados do ensino secundário que prossegue os estudos no ensino superior é muito maior nos alunos que concluíram o ensino regular, do que nos alunos que concluíram o ensino profissional. Segundo a Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016), este comportamento dos alunos é expectável, já que tradicionalmente, a via científico-humanística é a modalidade de ensino secundário vista como a mais vocacionada para o prosseguimento de estudos superiores, enquanto a via profissional é vista como oferecendo um ensino mais prático e voltado para o mundo do trabalho (embora não excluindo a hipótese do posterior prosseguimento de estudos). Dadas as diferenças de foco entre os dois tipos de ensino, pelo menos como vistos na perceção pública, é natural que se inscrevam nos cursos científico-humanísticos a maioria dos jovens que, no final do 9.º ano de escolaridade, têm já a firme intenção de, no futuro, seguirem estudos superiores. Estas diferentes expectativas no final do 9.º ano manter-se-ão, em grande medida, até ao final do ensino secundário.

Para a Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016), as provas de ingresso no ensino superior coincidem com exames nacionais que avaliam conteúdos pertencentes ao currículo específico dos cursos científico-humanísticos. Um aluno que pretenda ingressar no ensino superior, tendencialmente, é levado a optar pelos cursos científico-humanísticos do ensino regular. Alguns alunos, mesmo que sintam vocação para os cursos profissionais, podem reacear escolher o ensino profissional, por temerem que os cursos profissionais não os preparem devidamente para o ingresso no ensino superior.

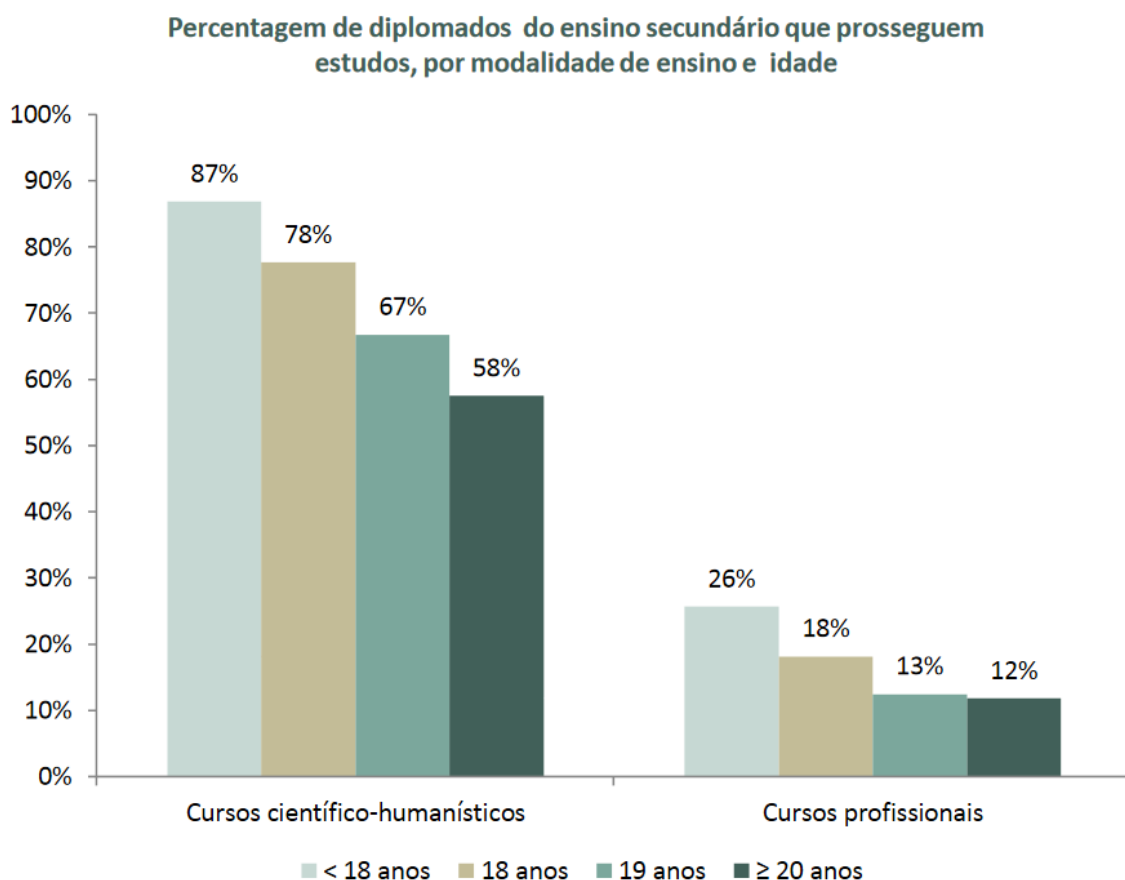


Gráfico 6 - Percentagem de diplomados do ensino secundário que prosseguem estudos. Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). Transição entre o secundário e o superior - parte 1., p. 15.

A segunda diferença que podemos encontrar no gráfico 6 é que, quer no ensino regular, quer nos cursos profissionais, quanto maior é a idade dos alunos que concluem o ensino secundário, menor é a percentagem desses alunos que prosseguem os estudos no ensino superior. Mas mantém-se uma disparidade enorme entre os alunos do ensino regular e do ensino profissional. Se analisarmos os alunos com menos de 18 anos, 87% dos alunos que concluíram o ensino regular com essa idade prosseguiram estudos, mas apenas 26% dos alunos que concluíram o ensino profissional com menos de 18 anos prosseguiram estudos.

Para terminar este capítulo sobre o ensino, escrevo uma pequena análise aos professores e à modernização tecnológica. Segundo a Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016) nos últimos anos o número de professores com doutoramento ou mestrado passou de 2235 em 2001 para 8242 em 2014, o que

demonstra uma clara aposta na formação da parte dos docentes. Por sua vez os professores com o grau académico de bacharelato (ou outras inferiores e equivalentes) tem diminuído, passando de 10507 em 2001 para 2738 em 2014. As habilitações académicas dos professores têm aumentado de forma consistente nos últimos anos como revela a tabela 5.

Tabela 2.5.2. Professores do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário por habilitação académica, no Continente (2000/01 – 2014/15)

Ano letivo	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Habilitação académica															
Total	81 724	82 867	81 626	82 099	84 404	84 102	82 415	83 794	85 863	85 474	84 258	78 384	70 958	67 458	68 252
Doutoramento ou mestrado	2 335	2 447	2 869	3 176	3 478	3 995	4 210	4 817	5 175	5 374	6 164	7 113	7 654	8 242	8 853
Licenciatura ou equiparado	68 882	70 626	69 696	70 878	73 481	74 525	72 959	73 994	76 194	76 224	74 324	67 866	60 274	56 415	56 661
Bacharelato ou outras	10 507	9 794	9 061	8 045	7 445	5 582	5 246	4 983	4 494	3 876	3 770	3 405	3 030	2 801	2 738

Tabela 5 - Professores do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário por habilitação académica. Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). Educação em Números Portugal 2016, p. 85.

Gráfico 2.5.3. Distribuição percentual dos professores do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário por habilitação académica, no Continente (2000/01 e 2014/15)



Gráfico 7 - Distribuição percentual dos professores do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário por habilitação académica. Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). Educação em Números Portugal 2016, p. 86.

Os professores de economia podem, e devem, aproveitar a modernização tecnológica que ocorreu nas escolas portuguesas. No gráfico 8 é visível que a partir 2008 de o número de alunos por computador com ligação à internet estabilizou abaixo dos 5 alunos por computador.

Gráfico 5.2 - Relação alunos/computador com ligação à internet, por natureza do estabelecimento, em escolas dos ensinos básico e secundário regular, no Continente (2001/02 e 2004/05 - 2014/15)

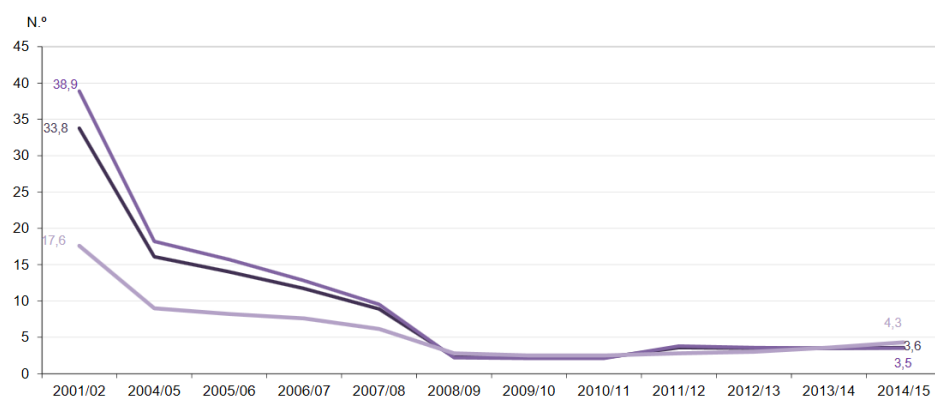


Gráfico 8 - Relação alunos/computador com ligação à internet. Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). Educação em Números Portugal 2016, p. 108.

Segundo a Portaria n.º 1316/2006 de 23 de Novembro, o Técnico de Receção é o profissional que executa o serviço de receção e acolhimento em estabelecimentos hoteleiros, meios complementares de alojamento turístico e outros estabelecimentos afins.

Plano de Estudos

	Disciplinas	Horas
Formação Sociocultural	Português	320
	Língua Estrangeira I ou II	220
	Área de Integração	220
	Tecnologias de Informação e Comunicação	100
	Educação Física	140
Formação Científica	Economia	200
	Psicologia e Sociologia	200
	Matemática	100
Formação Técnica	Comunicar em Francês, Alemão ou Inglês	180
	Operações Técnicas de Receção	396
	Informação Turística e Marketing	315
	Administração, Contabilidade e Legislação	288
	Formação em Contexto de Trabalho	420
	Total de Horas / Curso	3100

Figura 2 – Plano de estudos do curso técnico de receção. Fonte: Portaria 1316/2006, de 23 de Novembro, p.2.

O curso aceita alunos com idades entre os 15 e os 20 anos (a partir dos 20 anos a inscrição dos alunos está sujeita a aprovação).

Os alunos que concluírem o curso com sucesso ficam com um diploma de técnico profissional com equivalência ao 12.º ano de escolaridade. A duração do curso é de 3 anos letivos.

O Plano de estudos está disponível na figura 2.

2.3- A Motivação

O principal problema identificado foi a desmotivação dos alunos.

Sobre ambientes de aprendizagem e motivação, destaco o seguinte quadro, onde estão resumidas as quatro perspectivas sobre a motivação referidas na obra de Arends (2008) que considerei mais importantes.

As quatro perspectivas sobre motivação		
Teoria	Estudioso	Ideia principal
Reforço	Skinner	As pessoas respondem a eventos ambientais e a reforço extrínseco
Necessidades	Maslow, Deci, McClelland e Csikszentmihayi	As pessoas esforçam-se para satisfazer necessidades, como as de realização pessoal, autodeterminação, sucesso, relacionamento e influência
Cognitiva	Weiner	As ações das pessoas são influenciadas pelas crenças e atribuições, especialmente aquelas respeitantes às situações de sucesso e fracasso
Aprendizagem social	Bandura	As ações das pessoas são influenciadas pelo valor de determinados objetivos e das expectativas de sucesso

Figura 3 – As quatro perspectivas sobre motivação. Fonte: Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*, p. 143.

A motivação é sempre fundamental no ensino da economia, e nós, enquanto professores devemos tentar motivar os nossos alunos. David McClelland nascido em 1948, foi um psicólogo americano que se interessou pela motivação do comportamento em situação de realização, tendo apresentado três tipos de necessidades ou motivos como sendo os responsáveis pelo comportamento humano: realização, afiliação e poder (McClelland, 1985). McClelland considera que quantos mais sucessos e êxitos nas tarefas a pessoa obtiver, mais tendência tem para confiar nas suas capacidades e, conseqüentemente para obter novos sucessos. Por outro lado, indivíduos que temem o sucesso evitam arriscar porque desconfiam de si próprias e não acreditam que possam ter êxito. Além disso, considera que os indivíduos altamente motivados para o sucesso tendem a desprezar um pouco a recompensa recebida em detrimento do seu desempenho. Aplicando esta teoria, um aluno altamente motivado para o sucesso despreza um pouco a recompensa que referi anteriormente (ser aprovado).

Um elevado desejo de sucesso, por si só, não garante um comportamento de realização, sendo necessário considerar o valor do motivo para evitar o fracasso.

Assim, a melhor maneira de promover a motivação para a realização e sucesso envolve a combinação de um elevado desejo e aspiração de sucesso aliados a um reduzido medo de falhar (Fontaine, 1990; Weiner, 1992).

Segundo Pereira (2013) em Veiga (2013), a abordagem da motivação sob a perspectiva da teoria da atribuição (Weiner, 1992) parte do pressuposto de que os indivíduos tentam dar sentido aos seus comportamentos e aos dos outros procurando explicações e causas. Do ponto de vista da motivação, as atribuições são importantes na medida em que influenciam crenças, emoções e comportamentos, ou seja, as explicações que um indivíduo atribui a um sucesso ou a um fracasso vão determinar as suas expectativas de experienciar futuros sucessos ou fracassos e, consequentemente, a sua motivação para se envolver em tarefas nas quais o sucesso ou o fracasso são resultados possíveis. O tipo de atribuição realizado perante os resultados de uma acção ou perante um acontecimento vai, então, condicionar as respostas emocionais da pessoa e o seu comportamento futuro, sendo que estas consequências atribucionais têm implicações relevantes para a motivação.

Assim, a dimensão estabilidade está relacionada com as expectativas sobre o futuro. Por exemplo, se os estudantes da turma J atribuírem os seus fracassos a causas estáveis, como as dificuldades da tarefa, as suas expectativas para futuro serão de voltar a falhar na mesma tarefa, para a qual as causas permanecem inalteráveis. Contudo, se os estudantes da turma J atribuírem o fracasso a factores instáveis, como os estados de humor ou a sorte, podem ter esperança de ter melhores resultados no futuro. Considera-se portanto mais adaptativo atribuir o sucesso a causas internas estáveis (capacidades e competências) e instáveis mas controláveis (como o esforço). Por outro lado, no caso do fracasso, é mais adaptativo atribuí-lo a causas instáveis, internas e controláveis (como o esforço), ou externas e incontroláveis, como a sorte.

	Internas		Externas	
	Estáveis	Instáveis	Estáveis	Instáveis
Controláveis	Nunca estuda (esforço típico)	Não estudou para este exame em particular (esforço imediato)	O professor é injusto/parcial (influência de outros significantes)	Os amigos não ajudaram
Incontroláveis	Fraca capacidade	Esteve doente no dia do exame (Estado de humor)	Dificuldade da tarefa	Teve azar

Quadro X – Modelo de atribuição causal de Weiner (1979)

Figura 4 – Modelo de atribuição causal de Weiner. Fonte: Pereira, A (2013). Psicologia da educação- teoria, investigação e aplicação, p. 13.

Segundo Pereira (2013) em Veiga (2013) as atribuições causais têm implicações essencialmente ao nível das expectativas de sucesso que, por sua vez, se reflectem na motivação para a realização. Nesse sentido, e considerando que as expectativas de sucesso são condicionadas pelo sentimento de auto-controlo, o papel do treino de reatribuição causal surge como fundamental para o fomento da motivação em contexto de ensino e aprendizagem. Por outro lado, destaca-se igualmente pertinente para a promoção da motivação o papel dos reforços, embora enfatizando o esforço ao invés dos resultados ou das capacidades. O treino de atribuições para a motivação pressupõe, assim, que se atribuam os fracassos a fatores controláveis, como o esforço insuficiente ou a utilização de estratégias impróprias, ao invés de identificar causas sobre as quais o indivíduo não tem hipótese de controlo, como a pouca capacidade ou inteligência. Nesse sentido, a tónica deve ser colocada no esforço, no sentido de fazer os alunos desta escola de Gaia acreditarem que as dificuldades que sentiram resultaram do pouco esforço empregue, relacionando as expectativas de melhores resultados com um aumento do esforço.

Segundo Pereira (2013) em Veiga (2013), de acordo com Dweck (2000) existem duas visões de inteligência. As pessoas que percebem a inteligência como uma entidade (“entity theory”) consideram as capacidades como fixas e estáveis, são inseguras quanto à capacidade para resolver problemas em que houve insucesso anterior, consideram que o nível de realização reflete a capacidade. Esta percepção reflete um estilo de orientação para o desânimo, na medida em que as pessoas acreditam que as circunstâncias estão para além do seu controlo, atribuindo os fracassos a causas internas e estáveis, impossíveis de controlar, e os sucessos a causas externas, subestimando os seus êxitos. Na segunda visão, as pessoas percebem a inteligência como incremental (“incremental theory”), e acreditam que a inteligência ou a capacidade são maleáveis e alteráveis, antecipam poucas dificuldades em resolver problemas nos quais houve sucesso anterior, acreditam que o nível de realização reflete o esforço e o tipo de estratégia utilizada, que a inteligência está associada à capacidade para dominar algo de difícil ou novo.

2. 4 A utilização de vídeos enquanto estratégia de ensino

Nas aulas que leccionei em anos anteriores utilizei apenas a projecção de imagens e textos principalmente utilizando o Powerpoint.

Por isso quer teoricamente, quer praticamente, nas minhas aulas utilizei as tecnologias numa perspectiva do computador como máquina de fornecer informação, isto de acordo com a classificação de perspectivas de Teodoro (2003).

Antes de frequentar o mestrado de ensino na universidade de Lisboa, eu nunca tinha utilizado a projecção de vídeos nas minhas aulas, no entanto, e depois de ter feito uma apresentação com um vídeo do Youtube em Lisboa numa cadeira de Novas Tecnologias, comecei a equacionar a utilização do vídeo como uma ferramenta a utilizar na minha intervenção na ESAS, algo que concretizei na minha intervenção.

A exibição de vídeos permitiu uma diversificação das estratégias de ensino. Tendo em conta que o principal problema identificado estava relacionado com a motivação, eu verifiquei qual foi o impacto da utilização dos vídeos no comportamento e principalmente na motivação dos alunos da turma J.

Segundo Rodrigues (2012, p. 18) "as TIC são uma ferramenta relevante, da qual podemos beneficiar bastante no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo ao nível do incremento da motivação e facilitação da aprendizagem de conceitos mais complexos".

De acordo com Moran (1995) os vídeos seleccionados por mim deveriam ser relativamente curtos, deveriam estar relacionados com a matéria, e seriam devidamente integrados na matéria a leccionar. Também elaborei guiões dos vídeos. Os alunos debateram o assunto dos vídeos, e, se tivesse sido necessário, eu poderia ter repetido os momentos mais importantes dos vídeos.

Em conformidade com Moran (1995) eu utilizei os vídeos para introduzir novos assuntos, e para despertar a curiosidade dos alunos para com os novos temas, como no caso da inflação. Isso facilitou o desejo de pesquisa nos alunos, e serviu para aprofundar os conteúdos do vídeo e da matéria.

Moran (1995) escreveu também que o vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, do próximo, do que toca todos os sentidos, e será precisamente esta ligação com os sentidos que poderá ter contribuído para o aumento do interesse, e consequentemente, para o aumento de motivação dos alunos.

Moran (1995, p. 2) escreveu ainda que "o jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender. Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. Lê, vendo."

O mesmo Moran (1995, p. 4) sugere-nos algumas dinâmicas de análise :

A análise em conjunto na qual o "professor exhibe as cenas mais importantes e as comenta junto com os alunos, a partir do que estes destacam ou perguntam. É uma conversa sobre o vídeo, com o professor como moderador. O professor não deve se o primeiro a dar a sua opinião".

Análise globalizante, onde o professor deveria fazer, depois da exibição, estas quatro perguntas:

Aspectos positivos do vídeo? Aspectos negativos? Ideias principais que passa? O que vocês mudariam neste vídeo?

Análise Concentrada, na qual o professor deveria escolher, depois da exibição, uma ou duas cenas marcantes. O professor deveria revê-las uma ou mais vezes. Depois deveria perguntar (oralmente o por escrito) o que chama mais a atenção (imagem/ som/ palavra)?; O que dizem as cenas (significados)? e finalmente as consequências e as aplicações (para a nossa vida, para o grupo)?

Finalmente a análise funcional, onde antes da exibição seriam escolhidas algumas funções ou tarefas para serem desenvolvidas por vários alunos (por exemplo anotarem as palavras-chave e as imagens mais significativas). Depois da exibição, cada aluno teria dado a sua opinião, e o resultado teria sido colocado no quadro. A partir do quadro, o professor completaria com os alunos as informações e relacionaria os dados, questionando as soluções apresentadas.

Segundo Moran (1995) deveria fazer-se também uma análise da linguagem, que incluiriam, entre outras, as seguintes questões:

- Que história é contada no vídeo?
- Como é contada essa história?
- O que chamou a atenção visualmente no vídeo?
- Que ideias passa claramente o vídeo?
- O que contam e representam os personagens do vídeo?

Capítulo 3 - Trabalho concreto na escola

3.1 - Caracterização da escola

A Escola Secundária António Sérgio fica em Vila Nova de Gaia, distrito do Porto, no Norte de Portugal, e está integrada no Agrupamento de Escolas António Sérgio, que é constituído por sete escolas. Neste agrupamento estão incluídas cinco escolas básicas do primeiro ciclo (quatro das quais com pré-escolar), uma escola básica com segundo e terceiro ciclos, e a Escola Secundária António Sérgio com terceiro ciclo e ensino recorrente.



Figura 5 - Entrada da ESAS. Fonte: <http://www.porto24.pt>

A escola sede, onde desenvolvi a prática supervisionada, foi intervencionada pela empresa Parque Escolar, tendo os trabalhos sido concluídos em 2010. Portanto, dispõe de boas instalações e bons equipamentos. O pessoal docente do agrupamento caracteriza-se pela estabilidade, pois 182 professores são do quadro de agrupamento, 29 do quadro de zona pedagógica e 48 são professores contratados. O pessoal não docente é constituído por 78 funcionários, dos quais mais de 50% são assistentes operacionais.

Segundo o Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas António Sérgio (2014-2017), a Escola Secundária António Sérgio oferece cursos científico-humanísticos, cursos profissionais e cursos de educação e formação de adultos. Tem 535 alunos nos três anos de escolaridade. No ensino noturno funcionam cursos do ensino recorrente com 96 alunos inscritos.

Toda a informação que consta desta caracterização foi retirada do Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas António Sérgio (2014-2017) apresenta estratégias não só ao nível da dimensão curricular, mas também ecológica, psicossocial, comunitária e organizacional. Esta escola tem como finalidade formar cidadãos livres, cooperantes e responsáveis prontos a intervirem em diferentes situações e contextos, tomando opções reveladoras da sua autonomia, liberdade e poder de crítica.

Esta escola apresenta as seguintes políticas educativas:

- Promover a aquisição de competências sócio-cognitivas que habilitem para escolhas ético-sociais e cívicas adequadas (educação para valores).

- Estimular uma cultura organizacional cooperante, participativa, tendente ao fomento de uma liderança dinâmica e participada, promotora de um bom clima organizacional.

- Promover a igualdade de oportunidades .

- Criar um interface entre a escola e a vida activa, potenciando um espaço de diálogo entre a escola e as actividades económicas da região, através dos estágios profissionalizantes.

- Avaliar a eficácia educativa das práticas pedagógicas.

- Fomentar a participação da comunidade educativa nas dinâmicas da escola.

Os objectivos gerais da escola passam por criar uma cultura centrada na aprendizagem e educar para os valores.

3.2 - Caracterização da turma

Esta turma J frequenta a disciplina de Economia do 10º ano do curso profissional de técnico de receção, na ESAS.

A turma J começou o ano letivo com 26 alunos inscritos, mas no final do primeiro período apenas existiam 23 alunos a frequentar as aulas. A idade dos alunos situava-se, no início do ano letivo, entre os 14 anos e os 17 anos. Desses 23 alunos que frequentaram as aulas até ao fim do primeiro período, 13 são raparigas e 10 são rapazes. No final do ano letivo foram avaliados 20 alunos. Desses 20 alunos que chegaram ao fim do ano letivo, 6 alunos reprovaram no módulo 3, e 4 alunos reprovaram no módulo 4.

Como já foi referido anteriormente, o principal problema identificado na turma J foi a desmotivação dos alunos.

Nas primeiras aulas que lecionei, ainda no âmbito de IPP3, perguntei aos alunos se tencionavam fazer o exame nacional para ingresso ao ensino superior, e um dos alunos respondeu "Não, isso é para inteligentes" e os restantes concordaram com a resposta deste aluno, ou seja, nenhum destes alunos pretende ingressar no ensino superior. Alguns alunos perturbavam as aulas com comentários inadequados e despropositados.

Alguns alunos passavam a aula com os auscultadores nos ouvidos e ligados ao telemóvel. A professora cooperante dizia a esses alunos para retirarem os auscultadores, mas passado pouco tempo alguns alunos voltavam a colocar os auscultadores nos ouvidos. Essa utilização dos auscultadores durante a aula revelava algum desinteresse, falta de empenho, provocava falta de atenção e prejudicava a concentração dos alunos.

Segundo a professora cooperante alguns alunos desta turma já tinham sido expulsos nas aulas de outras disciplinas. Durante o segundo período um dos alunos desta turma foi expulso da escola.

A professora cooperante costumava fornecer aos alunos uma folha com os conceitos mais importantes que eram leccionados nessa aula. Essa folha continha também alguns exercícios. No final da aula a professora cooperante costumava fazer a correção destes exercícios.

A professora cooperante utilizava o quadro e as folhas nas aulas, eu alterei essa situação, e introduzi a utilização do computador e do projetor nas aulas de Economia.

Todas as salas onde eram lecionadas as aulas de Economia estavam equipadas com computador e projetor.

Algumas salas tinham mesas individuais, enquanto que outras salas tinham mesas para dois alunos. O comportamento dos alunos era mais facilmente controlável nas salas com mesas individuais, do que nas salas com mesas para dois alunos, já que nas salas com mesas para dois alunos existiam mais conversas entre os alunos, o que perturbava o funcionamento da aula.

3.3 - Intervenção

A intervenção na escola começou com a escolha da turma, tendo ficado definido que a turma cooperante seria a do 10º ano do curso profissional de técnico de receção, com a professora cooperante do grupo 430 que nesta turma lecionava a disciplina de Economia.

Durante este percurso o objetivo foi o de aumentar a motivação dos alunos com a visualização de vídeos.

Ainda durante a minha intervenção em IPP3, a observação das aulas e o diálogo com a professora cooperante permitiu que eu ficasse a conhecer cada vez melhor os alunos.

Logo nas primeiras aulas que observei em IPP3, identifiquei, em conjunto com a professora cooperante alguns fatores que influenciavam o comportamento e a motivação dos alunos. Por exemplo, nas aulas de sexta-feira constatou-se que os alunos faltavam em maior número, e, mesmo os alunos que estavam presentes nas aulas de sexta-feira revelaram desinteresse na disciplina de Economia e denotavam algum cansaço. Isto influenciou a planificação das minhas aulas, no sentido em que ficou acordado com a professora cooperante que as minhas aulas à sexta-feira seriam de certa forma menos exigentes para com os alunos. Segundo a professora cooperante, este comportamento dos alunos às sextas feiras devia-se ao facto dessa aula de Economia ser a última aula do dia e da semana, iniciando-se às 16:30, enquanto que as outras aulas desta disciplina nesta turma J eram lecionadas de manhã (anexo 1).

A professora cooperante não utilizou o projetor nem o computador nas suas aulas, o que favoreceu o meu trabalho, no sentido em que isso facilitou aos alunos a comparação das aulas com a utilização de novas tecnologias, com as aulas sem a utilização de novas tecnologias. Caso os alunos já estivessem habituados a visualizar vídeos nas aulas de Economia da professora cooperante, então teria sido complicado, senão mesmo impossível, verificar o impacto da visualização de vídeos na motivação dos alunos com a minha intervenção.

Eu lecionei cinco aulas de 50 minutos, correspondentes ao início do módulo 4 - moeda e financiamento da atividade económica. A planificação anual da disciplina de Economia está disponível no anexo 3, e a planificação de médio prazo está

disponível no anexo 4. Ficou definido com a professora cooperante que eu iria lecionar os conteúdos relacionados com a moeda, os preços dos bens, e finalmente a inflação.

Para a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2005, p. 31) o âmbito dos conteúdos a lecionar por mim seriam portanto os seguintes:

"

- *Moeda*
 - *Evolução: da troca directa à troca indirecta*
 - *Tipos (moeda-mercadoria, moeda metálica, moeda-papel, papel-moeda e moeda escritural)*
 - *Funções (meio de pagamento, medida de valor e reserva de valor)*
 - *As novas formas de pagamento – desmaterialização da moeda*
- *Preço*
 - *Noção*
 - *Factores que influenciam a sua formação*
- *Inflação*
 - *Noção*
 - *Formas de cálculo (homóloga e média)*
 - *Consequências da inflação no valor da moeda e no poder de compra"*

Ainda segundo a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2005, p. 30) os objetivos de aprendizagem das minhas aulas eram os seguintes:

"

- *Caracterizar os diferentes tipos de moeda.*
- *Explicitar as funções da moeda.*
- *Relacionar as novas formas de pagamento com a evolução tecnológica.*
- *Explicitar factores que influenciam a formação dos preços (custo de produção, mecanismo de mercado).*
- *Relacionar Índice de Preços no Consumidor (IPC) e taxa de inflação.*
- *Distinguir formas de cálculo da inflação.*
- *Explicar consequências da inflação. "*

Quanto às competências visadas, a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2005, p. 30) evidencia as seguintes:

"

- *Usar os conceitos económicos para compreender aspectos relevantes da organização económica das sociedades, nomeadamente as formas de pagamento, a inflação, a formação dos preços, a poupança, o investimento e o financiamento.*

- *Utilizar instrumentos económicos para conhecer a evolução da inflação e do investimento em Portugal e na União Europeia."*

Preparei vários powerpoints para as aulas, que estão incluídos no anexo 11, e escolhi cinco vídeos para serem exibidos aos alunos durante as aulas. Ficou então definido que eu iria exibir um vídeo em cada aula. As ligações dos vídeos, bem como os guiões dos vídeos encontram-se disponíveis no anexo 9.

A planificação de curto prazo consistiu no planeamento das aulas e na elaboração dos planos de aula, onde estão incluídas as sequências pedagógicas das sessões lecionadas. Os planos de aula estão disponíveis no anexo 7.

A avaliação do desempenho foi realizada com base num inquérito por questionário que se encontra no anexo 2.

As aulas foram lecionadas tendo em atenção que alguns destes alunos têm problemas disciplinares. No entanto, quando chegou o momento de lecionar as minhas aulas, o aluno mais complicado desta turma já tinha sido expulso definitivamente da escola e já não iria regressar. Para além disso, outra aluna considerada indisciplinada pela professora cooperante foi suspensa durante alguns dias por ter tido um comportamento incorreto com uma professora de outra disciplina, e, por esse motivo, também faltou a algumas das minhas aulas.

Durante as aulas, a turma dividia-se como que em duas metades, uma metade estava interessada e participava na aula, enquanto que a outra metade da turma não estava interessada na aula. Esta metade menos interessada da turma preferia ouvir música com os auscultadores nos ouvidos, ou então descansar durante a aula. Por muito que eu tentasse motivar a metade menos interessada da turma, eles participavam sempre menos que os restantes. Uma aluna considerada mais indisciplinada pela professora cooperante, participava bastante, mas as suas intervenções nem sempre eram as mais adequadas aos conteúdos lecionados, apesar

disso, eu acabei por conseguir relacionar e integrar as intervenções dessa aluna com os conteúdos lecionados no passado e com os conteúdos a lecionar no futuro.

Em todas as aulas utilizei os computadores e os projetores que estavam disponíveis nas salas da ESAS, que serviram para a exibição dos powerpoints e dos vídeos. Os computadores e os projetores funcionaram sempre na perfeição, não existiu qualquer precalço com os equipamentos durante as minhas aulas.

Os powerpoints apresentados nas aulas, e disponíveis no anexo 11 foram criados por mim com o microsoft powerpoint.

Os vídeos não foram realizados por mim, os vídeos foram escolhidos após várias pesquisas na internet em sites como o Pordata, Euronews, SIC, etc. Antes da escolha definitiva dos vídeos fiz uma análise exaustiva ao seu conteúdo, para verificar se eram adequados aos alunos. O download dos vídeos foi efetuado a partir da internet com um software chamado RealDownloader, e os vídeos foram transportados para a sala de aula numa pendrive USB. Considerei que seria mais seguro exibir os vídeos a partir da pendrive do que utilizando a internet na sala durante a aula. Desta forma eliminei o risco de problemas que poderiam ocorrer com a ligação à internet na escola.

Utilizei alguns critérios sugeridos por Moran (1995) para a escolha dos 5 vídeos como por exemplo: curta duração, linguagem clara e também foram devidamente integrados na matéria a leccionar. Todos os cinco vídeos que exibi nas aulas cumpriam estes pressupostos,.

A dinâmica de análise de Moran (1995) que utilizei preponderantemente nas minhas aulas foi a análise em conjunto, na qual os alunos comentaram os vídeos exibidos, com observações ou perguntas, e só depois dos alunos terem dado a sua opinião é que eu fiz as perguntas dos guiões disponíveis no anexo 9.

A primeira aula foi lecionada na segunda feira dia 2-05-2016 às 12:30. No início da aula, registei as faltas dos alunos no computador com o auxílio da professora cooperante. Nesta aula comecei desde o início a utilizar os powerpoints, um procedimento que repeti nas quatro aulas seguintes. Eu comecei por explicar aos alunos em que consistia o conceito de moeda, através de exemplos de vários bens que foram utilizados como moeda no passado. No powerpoint foram exibidas as principais funções da moeda, ao mesmo tempo que expliquei essas funções aos

alunos. Foram também exibidas no powerpoint algumas questões para os alunos responderem.



Figura 6 - Nova tecnologia de pagamento por telemóvel sem contacto. Fonte: Euronews

Em seguida foi exibido nessa aula o primeiro vídeo, com o título "Nova tecnologia de pagamento por telemóvel sem contacto" com 2 minutos e 8 segundos de duração e que foi escolhido por mim no site de notícias euronews. O vídeo foi incluído na aula no contexto de explicar aos alunos o que era a moeda, e de como se pode movimentar a moeda. Após a exibição do vídeo deixei que fossem os alunos os primeiros a dar a sua opinião sobre o vídeo. A partir das intervenções dos alunos, foi-lhes explicado que o telemóvel naquele caso não é moeda, mas permite transacionar a moeda, ou seja o telemóvel é um meio que é utilizado para transacionar moeda. Em seguida coloquei as questões aos alunos que estão no anexo 9.

No tempo restante da aula, apresentei os conceitos de troca direta e de troca indireta, também com o auxílio do powerpoint.

A segunda e a terceira aulas foram assistidas pelo professor orientador da Universidade de Lisboa.

A segunda aula foi lecionada no dia 3-05-2016 às 11:30. No início da aula, registei as faltas dos alunos no computador com o auxílio da professora cooperante.

Nesta aula utilizei novamente powerpoints, a sala também tinha um projetor e um computador que utilizei para projetar o vídeo.

Comecei por fazer uma pequena revisão da matéria lecionada na aula anterior, continuando a explicação sobre a evolução da moeda desde a pré-história até aos nossos dias.

Introduzi o conceito de moeda mercadoria, e, em seguida, exibi no powerpoint algumas questões para os alunos responderem.

Depois foram explicados os conceitos de moeda metálica e a evolução da moeda papel para o papel moeda.

No powerpoint foram mostradas imagens de moedas metálicas e de papel moeda atualmente em circulação em Portugal.

Em seguida foi explicado aos alunos em que consiste a moeda escritural, e foram exibidas imagens no powerpoint de cheques, de cartões de crédito e de cartões de débito.

Em seguida foi exibido o vídeo, com o título "Chip substitui dinheiro na Dinamarca". Este vídeo teve uma duração de 56 segundos, tendo sido por isso um vídeo com uma duração bastante mais curta do que o vídeo exibido na aula anterior.



Figura 7: Chip substitui dinheiro na Dinamarca. Fonte: Euronews.

Este vídeo foi inserido no contexto de explicar aos alunos o que era a moeda escritural, sendo o chip numa pulseira uma nova forma de movimentar a moeda

escritural. O vídeo serviu também para que os alunos relacionassem a inovação tecnológica com os métodos de pagamento.

As perguntas do guião do vídeo não foram exibidas no powerpoint, eu tinha as perguntas do guião em papel, e teria lido as perguntas, caso tivesse sido necessário.

Antes de terminar a aula foram exibidas no powerpoint duas notícias de jornais que serviram para colocar algumas questões aos alunos.

A terceira aula foi lecionada no dia 5-05-2016 às 10:30. No início da aula, registei as faltas dos alunos no computador com o auxílio da professora cooperante.

Depois foi explicado aos alunos a desmaterialização da moeda, e foram exibidos no powerpoint alguns exercícios que serviram para verificar se os conceitos da aula anterior tinham sido compreendidos pelos alunos. Estes exercícios estavam relacionados com a evolução da moeda e com os tipos de moeda.

Em seguida foi explicado aos alunos com o auxílio do powerpoint o que é o preço de um bem, e quais são os fatores que influenciam o preço de um bem.

Depois foram exibidos no powerpoint dois exercícios sobre os preços.



Figura 8 - O que é a inflação. Fonte: Pordata

Em seguida foi exibido o vídeo com o título "O que é a inflação", e, neste caso, o vídeo serviu para introduzir um novo conceito, a inflação. O vídeo teve a

duração de 1 minuto e 54 segundos, foi realizado pela Pordata, e está disponível no site da RTP. Como já era expectável, o facto deste vídeo ter sido exibido nos últimos 5 minutos da aula fez com que os alunos estivessem menos atentos durante a exibição do vídeo. Sempre que se aproximava o final da aula, alguns alunos desta turma estavam mais preocupados em prepararem-se para saírem rapidamente da sala do que em manterem a concentração na aula. De qualquer maneira eu já tinha planeado exibir outro vídeo sobre a inflação na aula seguinte, para reforçar o conceito. O objetivo do vídeo nesta aula foi, como referi, apenas introduzir o conceito de inflação aos alunos, utilizando o vídeo para introduzir o conceito. Não exibi no powerpoint as perguntas do guião do vídeo, eu tinha o guião em papel, e, caso tivesse sido necessário, teria recorrido ao guião.

A quarta aula foi lecionada no dia 6-05-2016 às 16:30, como já referi anteriormente, esta aula por ter sido lecionada numa sexta feira à tarde foi uma aula na qual os alunos estavam habituados a estar mais relaxados. No início da aula, registei as faltas dos alunos no computador com o auxílio da professora cooperante.



Figura 9 - O IPC. Fonte: SIC

Como o vídeo da última aula sobre inflação foi exibido perto do final da aula, no início desta aula foi exibido um outro vídeo com o título "O que é e como se

calcula a inflação" com a duração de 2 minutos e 11 segundos. O vídeo foi retirado do site do canal de televisão português SIC. Em seguida foi mostrado no powerpoint o guião do vídeo. A aula continuou com a explicação dos tipos de inflação, as causas e as consequências da inflação.

A quinta e última aula foi lecionada no dia 9 de maio de 2016. No início da aula, registei as faltas dos alunos no computador com o auxílio da professora cooperante.

Depois disso foi novamente explicado aos alunos o que é o Índice de preços no consumidor. Os alunos analisaram um gráfico da taxa de inflação em Portugal (1977-2009) e relacionaram a evolução da taxa de inflação com acontecimentos como a adesão à CEE e a adesão ao euro.

Também foi exibido no powerpoint um gráfico com a taxa de inflação anual em Agosto de 2015 em todos os países da União Europeia, e, a partir da observação desse gráfico os alunos compararam a taxa de inflação nos países da União Europeia.



Figura 10 - Protestos no Zimbabué por receio de nova onda de hiperinflação. Fonte: Euronews.

Para terminar a minha intervenção na escola foi exibido o vídeo "Protestos no Zimbabué por receio de nova onda de hiperinflação" do euronews com a duração de 1 minuto e 1 segundo. Após a exibição do vídeo foi mostrado o guião com perguntas sobre o vídeo no powerpoint.

Este vídeo foi exibido com o objetivo de reforçar e exemplificar os conceitos expostos nas aulas anteriores.

Após o final das aulas lecionadas por mim, no dia 9 de Junho de 2016 foi solicitado aos alunos o preenchimento de um inquérito por questionário, em papel, durante uma aula da professora cooperante. O questionário está disponível no anexo 2. O objetivo deste questionário foi o de recolher a opinião dos alunos.

A avaliação sumativa, e a respetiva classificação no módulo 4, não foi realizada nas aulas lecionadas por mim. A avaliação sumativa foi realizada no final do módulo 4 e foi da responsabilidade da professora cooperante.

3.4 - Análise de dados.

Como referi no ponto anterior sobre a intervenção na escola, algum tempo depois de ter terminado as minhas aulas, mais concretamente no dia 9 de Junho de 2016, entreguei um questionário aos alunos durante uma aula da professora cooperante. O questionário está no anexo 2, e era de preenchimento voluntário por parte dos alunos. Estiveram presentes 17 alunos nessa aula, 15 desses alunos aceitaram responder ao questionário, e 2 desses alunos não aceitaram responder ao questionário. Segundo a professora cooperante, os 3 alunos que faltaram a essa aula onde foi distribuído o inquérito já tinham desistido de concluir com sucesso o módulo 4, e, estavam a faltar recorrentemente às aulas. A professora cooperante sugeriu então que era preferível que eu fizesse o inquérito apenas com estes 17 alunos, dos quais, como disse anteriormente, só 15 aceitaram responder ao inquérito.

Considera que está a obter sucesso nesta disciplina?

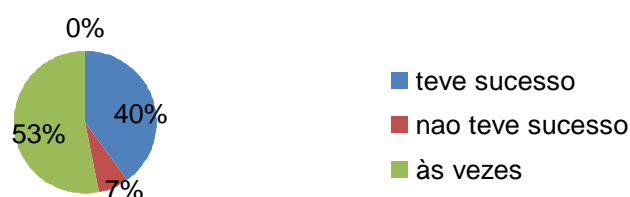


Gráfico 9 - Sucesso na disciplina de Economia

No gráfico 9 é visível que apenas 40% dos alunos consideraram que estavam a ter sucesso nesta disciplina. A maioria dos alunos considerava que só alcança o sucesso às vezes.

Considera que está motivado nas aulas de Economia?



Gráfico 10 - Motivação nas aulas de Economia

A maioria dos alunos (53%) considera que está motivado nas aulas de Economia, mas existe uma percentagem elevada de alunos que está desmotivado, ou , que está motivado apenas de vez em quando. Após uma análise individual das respostas, é interessante destacar que todos os alunos (3 no total) que responderam "não" à pergunta sobre se estão motivados nas aulas de economia, responderam que os vídeos aumentaram a sua motivação nas aulas. Ou seja, os vídeos contribuíram para aumentar a motivação de todos os alunos que estavam desmotivados (3 alunos).

Considera que a utilização de vídeos na disciplina de economia aumenta a sua motivação nas aulas?

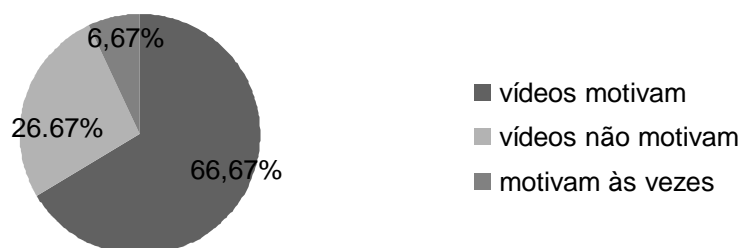


Gráfico 11 - O impacto da utilização de vídeos na motivação

A maioria dos alunos (66,7%) consideraram que a utilização de vídeos nas aulas aumentou a motivação dos alunos. Apenas 26,67% dos alunos consideraram que os vídeos não os motivaram nas aulas.

Apesar disso, quando foi perguntado aos alunos o que poderia aumentar a sua motivação nas aulas de Economia, apenas 6,67% escreveu sobre a visualização de vídeos, como é visível no gráfico 12. Uma parte desta diferença poderá explicar-se de várias maneiras, no gráfico 11 foi perguntado diretamente aos alunos se os vídeos serviam para aumentar (ou não) a motivação dos alunos, enquanto que no gráfico 12 foi perguntado o que poderia aumentar a motivação dos alunos, sendo que no gráfico 12 foi deixado um espaço em branco para os alunos escrevessem o que lhes apetecesse. Para além disso, um aluno poderá pensar que os vídeos aumentaram a sua motivação, mas que as visitas de estudo (por exemplo) aumentaram ainda mais a sua motivação do que a visualização de vídeos, e, por esse motivo, esse aluno poderá ter escrito apenas visitas de estudo na resposta, e não ter escrito sobre a visualização de

vídeos. Existem portanto varias explicações possíveis para este aparente paradoxo no qual 66,77% dos alunos sentem que os visualização de vídeos motiva-os nas aulas, mas apenas 6,67% escreveu "visualização de vídeos" como resposta à pergunta do gráfico 12 sobre o que poderia motiva-los nas aulas de Economia.

Também é pertinente destacar o seguinte , analisando as respostas individualmente, todos os alunos (4 alunos no total) que responderam à pergunta do gráfico 11 que a visualização de vídeos não os motivava nas aulas, também responderam "nada" à pergunta do que poderia aumentar a motivação desses alunos nas aulas (gráfico 12) . Ou seja, 100% dos alunos que escreveram que os vídeos não os motivaram, consideram que "nada" pode aumentar a sua motivação nas aulas. Estes alunos encararam a motivação como um fator "fixo" que não podia ser aumentado, nem por vídeos, nem por "nada".

O que poderia aumentar a sua motivação nas aulas de Economia?

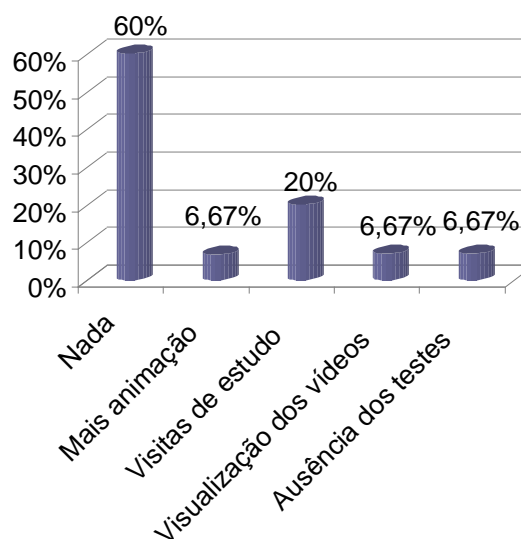


Gráfico 12 - Sugestões dos alunos para aumentar a motivação.

Outra análise individual dos resultados mostrou que alguns dos alunos que referiram "nada" na pergunta do gráfico 12, tinham respondido que estavam motivados nas aulas de economia (gráfico 10). Estes alunos sentiam que já estavam motivados, e que nada poderia aumentar a sua motivação.

A questão sobre a atribuição causal dos insucessos dos alunos na disciplina de Economia é importante ao nível da motivação.

Quando obtém algum insucesso na disciplina de economia, por que motivos aconteceu esse insucesso?

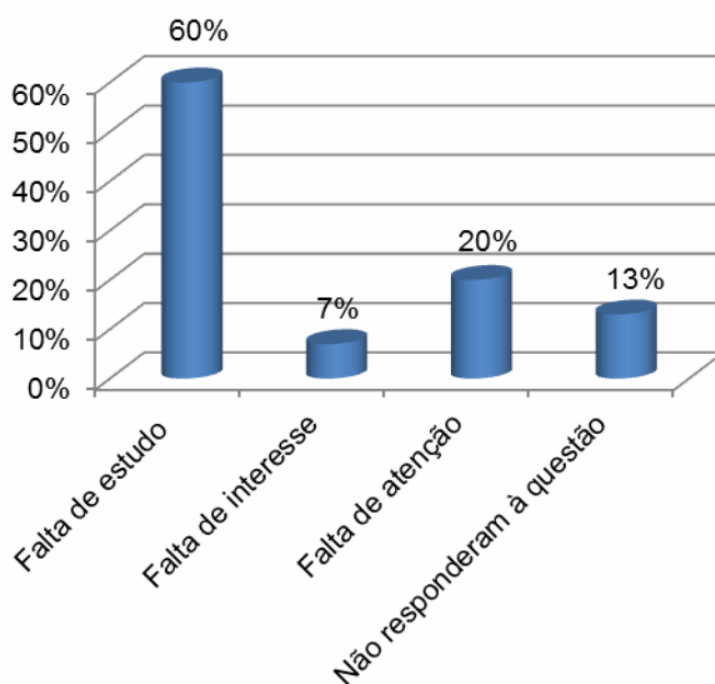


Gráfico13 - Atribuição causal dos insucessos na disciplina de Economia

Utilizando o modelo de atribuição causal de Weiner (1979) podemos considerar que:

- Os alunos que justificaram o insucesso com a falta de estudo estão a atribuir o insucesso a uma causa controlável e interna estável.
- Os alunos que justificaram o insucesso com a falta de interesse estão a atribuir o insucesso a uma causa controlável e interna estável.
- Os alunos que justificaram o insucesso com a falta de atenção estão a atribuir o insucesso a uma causa controlável e interna estável.

A totalidade dos alunos que responderam a esta questão do gráfico 13 atribuíram o insucesso a uma causa controlável e interna estável.

Reprovou em algum ano letivo?



Gráfico 14 - Percentagem de alunos que já reprovaram em anos letivos anteriores.

No gráfico 14 é visível que 80% dos alunos já tinham reprovado em ano(s) letivo(s) anteriore(s), e apenas 20% dos alunos foram sempre aprovados até ao 10º ano. Segundo McClelland (1985) quantos mais êxitos um indivíduo consegue obter, mais tendência tem para confiar nas suas capacidades, por outro lado, indivíduos que temem o sucesso evitam arriscar porque desconfiam de si próprias e não acreditam que possam ter êxito. O facto de 80% destes alunos já terem reprovado em anos letivos anteriores pode leva-los a desconfiar das próprias capacidades.

Os 80% (12 alunos no total) que já tinham reprovado em anos letivos anteriores (gráfico 14) fizeram a atribuição causal do insucesso em letivos anteriores que é visível no gráfico 15.

Existem algumas diferenças entre esta atribuição causal do insucesso em anos letivos anteriores (gráfico 15) quando comparada com a atribuição causal do insucesso na disciplina de Economia (gráfico 13). Nenhum aluno atribuiu o insucesso na disciplina de Economia à professora, mas 17% dos alunos que reprovaram em anos letivos anteriores colocaram a responsabilidade não neles, mas no professor.

Utilizando novamente o modelo de atribuição causal de Weiner (1979) podemos considerar que:

- Os alunos que justificaram a reprovação com a falta de estudo estão a atribuir o insucesso a uma causa controlável e interna estável.
- Os alunos que justificaram a reprovação com a doença, atribuiriam o insucesso a uma causa incontrolável e interna instável.
- Os alunos que justificaram a reprovação com a distração, atribuiriam o insucesso a uma causa controlável e interna estável.

- Os alunos que justificaram a reprovação com problemas familiares , atribuiriam o insucesso a uma causa incontrolável, externa e instável.
- Os alunos que justificaram a reprovação com as faltas, atribuiriam o insucesso a uma causa controlável, interna e estável.
- Os alunos que justificaram a reprovação com os professores estão a atribuir o insucesso a uma causa controlável, externa e estável.

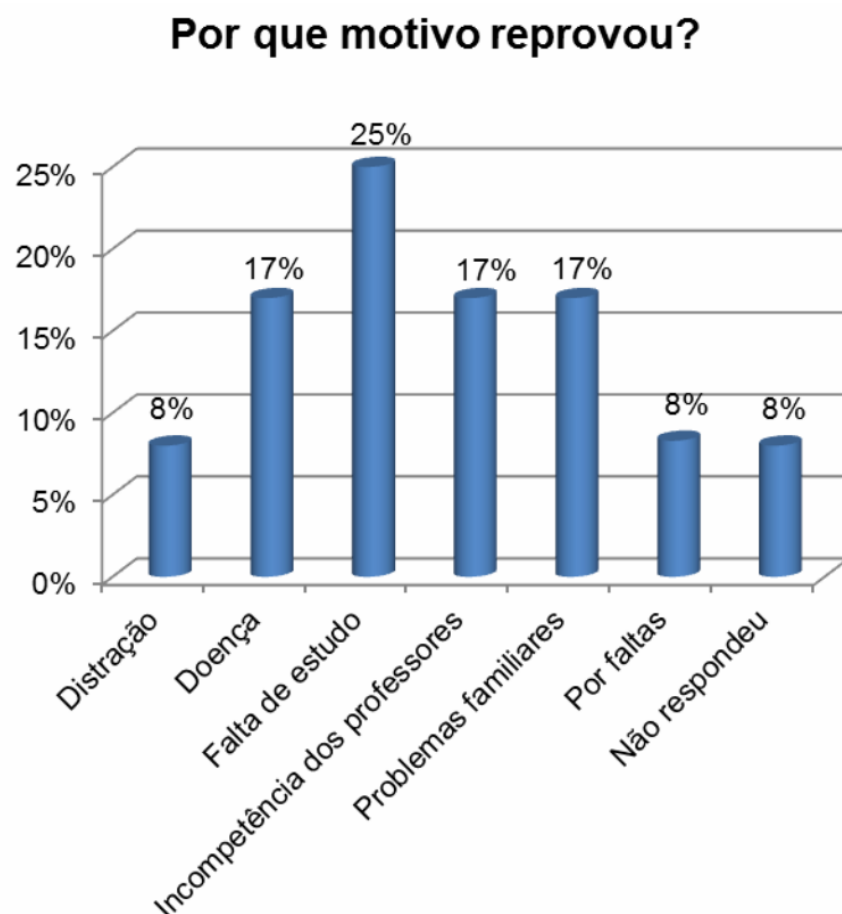


Gráfico 15- Atribuição causal das reprovações em anos letivos anteriores.

Podemos então dizer que 42% dos alunos que reprovaram em anos letivos anteriores atribuíram a reprovação a causa controláveis, internas e estáveis (não estudaram, faltaram, estavam distraídos).

Segundo Pereira (2013) em Veiga (2013) defende que é mais vantajoso para os alunos que se atribuam os fracassos a factores controláveis do que a factores incontroláveis.

Dos alunos que reprovaram em anos letivos anteriores 33,3% atribuíram o insucesso a fatores incontroláveis (doença e problemas familiares). Para alguns

destes alunos poderá ser útil um treino de reatribuição causal, no qual a tónica deve ser colocada no esforço, para que estes alunos passem a acreditar que as dificuldades que sentiram resultaram do pouco esforço empregue, relacionando as expectativas de melhores resultados com um aumento do esforço.

Este curso foi a sua primeira opção?

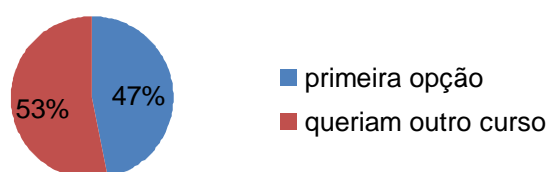


Gráfico16 - Percentagem de alunos que escolheram este curso como primeira opção.

A maioria dos alunos pretendia outro curso, apenas 47% queriam de facto este curso. Existe uma correlação forte entre os alunos que escolheram este curso como primeira opção e os alunos que se sentiam motivados nas aulas de Economia. Dos 7 alunos que responderam que este curso foi a sua primeira opção, 6 deles sentiam-se motivados nas aulas de Economia, e apenas um deles sentia-se "mais ou menos" motivado. Ou seja, 86,7% dos alunos que escolheu este curso como primeira opção sentia-se motivado nas aulas de Economia.

Pelo contrario, dos 8 alunos que pretendiam frequentar outro curso apenas 2 sentiam-se motivados nas aulas de Economia. Ou seja, dos alunos que pretendiam frequentar outro curso apenas 25% estavam motivados nas aulas de economia. Os alunos que escolheram este curso em primeira opção fizeram-no pelos motivos exibidos no gráfico 17.

No gráfico 18 é visível que 40% dos alunos que não escolheram este curso como primeira opção, apenas se inscreveram neste curso porque este foi o único curso onde foram aceites.

Por que motivo escolheu este curso em primeira opção?

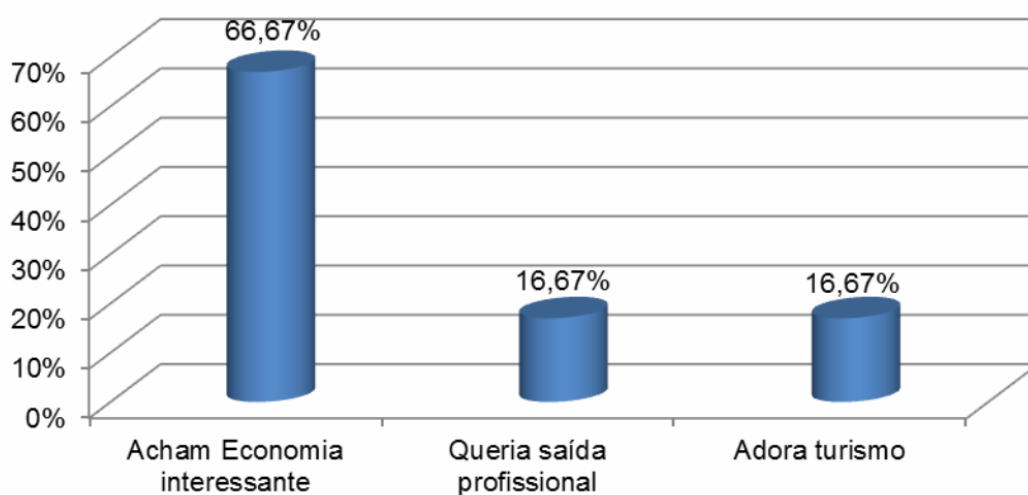


Gráfico 17 - Motivos pelos quais os alunos escolheram este curso como primeira opção.

Por que motivo frequenta este curso, tendo em conta que preferia outro curso?

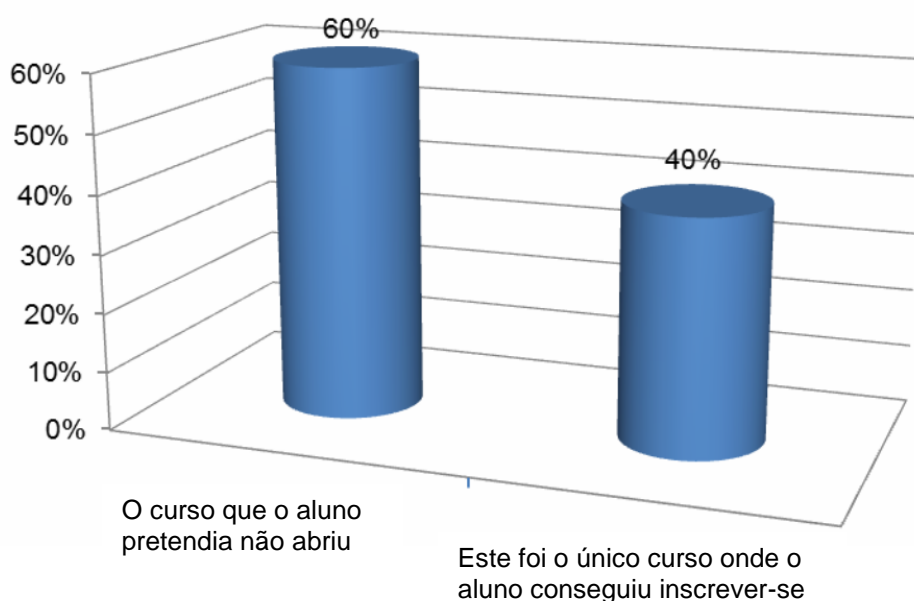


Gráfico 18 - Motivos pelos quais os alunos que não escolheram este curso como primeira opção acabaram a frequentar este curso.

Todos os alunos que pretendiam mudar de curso (1 aluno), ou que pretendiam desistir antes de concluir o 12º ano(1 aluno), não estavam motivados nas aulas de Economia.

**Pretende concluir o 12º ano neste curso,
pretende concluir o 12º noutro curso, ou
pretende desistir da escola antes de concluir o
12º?**

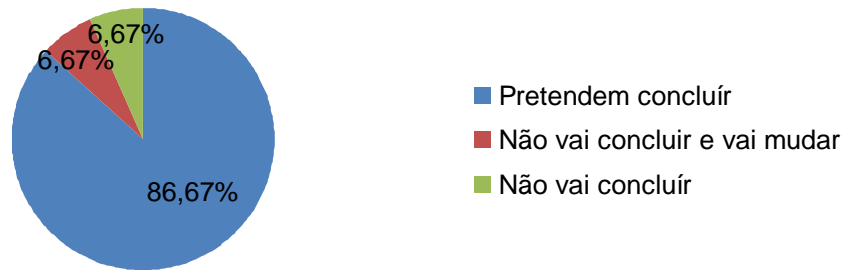


Gráfico 19- Escolhas dos alunos até ao final do 12º ano.

No gráfico 20 verificamos que a visualização de vídeos foi, a par com os testes com consulta, a atividade preferida dos alunos nas aulas de Economia.

No gráfico 21 verificamos que 80% dos alunos gostam da disciplina de Economia, e gostam das aulas de Economia.

Atividades preferidas dos alunos nas aulas de Economia

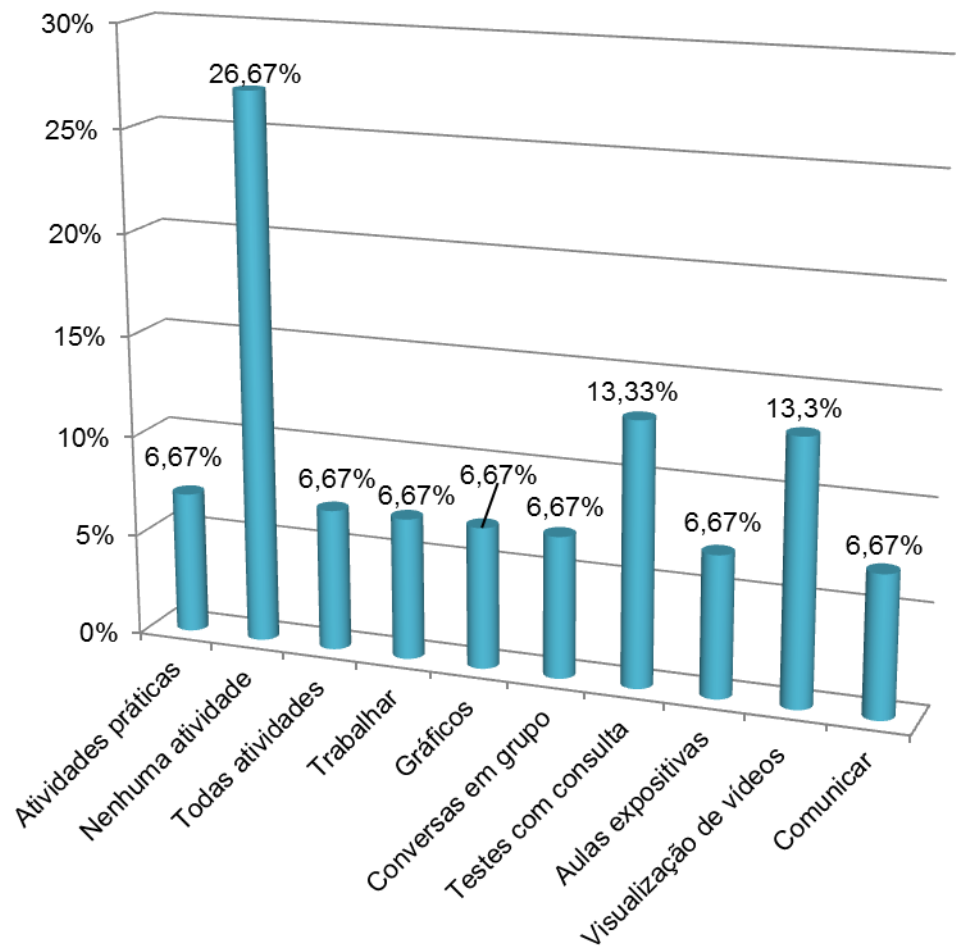


Gráfico 20 - Atividades preferidas dos alunos nas aulas de Economia.

Gosta da disciplina de Economia? Gosta das aulas de Economia?

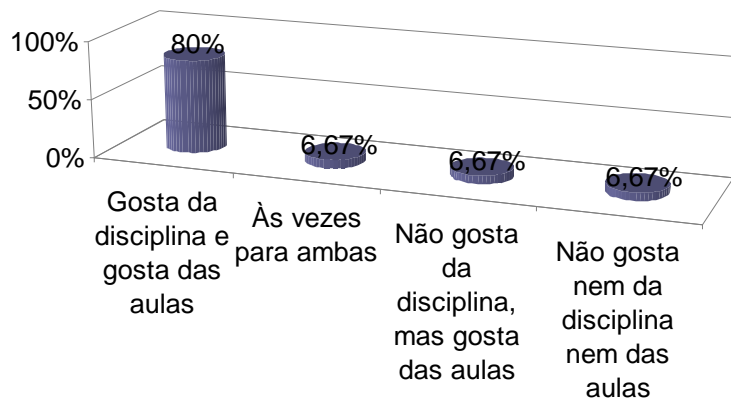


Gráfico 21 - Percentagem de alunos que gostam das aulas de economia e da disciplina de Economia.

3.5 Reflexões e conclusões sobre as aulas

O objetivo deste trabalho foi o de analisar em que medida a utilização de vídeos na sala de aula poderia influenciar a motivação dos alunos. Tendo em conta as respostas dos alunos ao inquérito verificou-se que a visualização de vídeos influenciou positivamente a motivação dos alunos, como é visível no gráfico 11.

A existência de computador e de projetor em todas as salas facilitou a planificação e a execução. Caso alguma das salas tivesse o projetor avariado, eu poderia ter sido forçado a utilizar um plano B. Esse plano B passaria por uma aula mais expositiva e sem a utilização de novas tecnologias. Tal não foi necessário porque todos os equipamentos informáticos funcionaram na perfeição em todas as aulas que lecionei.

As aulas decorreram sempre de acordo com o que estava previsto nos planos de Aula, não ocorreram imprevistos.

Como aspetos negativos refiro apenas o desinteresse que alguns alunos demonstravam em relação às aulas.

A colaboração da professora cooperante foi excelente.

O trabalho na escola correu bastante bem, não existiram problemas disciplinares com os alunos nas aulas que lecionei. Os alunos disseram que gostaram da utilização de powerpoints e de vídeos nas aulas, o feedback que os alunos deram foi positivo.

Como questões para investigação futura, poderia ser realizada uma investigação que relacionasse o aumento de motivação alcançado com a exibição de vídeos e as classificações obtidas pelos alunos.

Nessa investigação poderíamos verificar se as classificações dos alunos que ficaram mais motivados aumentaram mais do que as classificações dos alunos que não ficaram motivados com os vídeos.

Para isso seria necessário comparar as classificações que os alunos obtiveram antes da visualização dos vídeos com as classificações obtidas depois da exibição dos vídeos. Esta comparação teria que ser feita quer para os alunos que ficaram mais

motivados com a exibição de vídeos, quer para os alunos que não ficaram mais motivados pela exibição de vídeos.

Referências

- Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2005). *Programa de Economia*. Retirado de: <http://www.anqep.gov.pt/>
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Mc-Graw-Hill
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Castro, S. (2013). *Ensinar economia com o DidaktosOnLine*. Retirado de: <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2529/2397>
- Carmo, F. & Ferreira, m. (2008). *Metodologia de investigação, guia para autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). *Educação em Números - Portugal 2016*. Retirado de: <http://www.dgeec.mec.pt>
- Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2016). *Transição entre o secundário e o superior - Parte I*. Retirado de: <http://www.dgeec.mec.pt>
- Direção-Geral do Ensino Superior (DGES). Retirado de: <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Acesso/ConcursoNacionalPublico/FAQ/Exames/>
- Dweck, C. S. (2000) *Self-theories: Their role in Motivation, Personality and Development*. Philadelphia: Routledge Press.
- Fontaine, A. M. (1990). Motivação e realização escolar. In Campos, B.P. (Org.). *Psicologia do desenvolvimento e da educação de jovens, Vol. I*, 93-132. Lisboa: Universidade Aberta.
- Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE). Retirado de: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1744&tabela=leis
- McClelland, D. (1985). *Human Motivation*. Scott, Foresman. Glenview, IL.
- Moran, J. (1995) *Vídeo na Sala de Aula*. Texto publicado na Revista Comunicação & Educação. São Paulo: ECA-Ed. Moderna.
- Nóvoa, A. (2009). *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*. Retirado de: http://www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09por.pdf
- Pereira, A (2013). *Psicologia da educação: teoria, investigação e aplicação, envolvimento dos alunos na escola* / Coord. Feliciano H. Veiga. - Lisboa : Climepsi
- Portaria 1316/2006, de 23 de Novembro. Retirado de: <https://dre.pt/application/file/a/544973>

Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas António Sérgio (2014-2017)

Rodrigues, A. (2012). *O papel das novas tecnologias para a aprendizagem autónoma e a criação de conhecimento*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Roldão, M. (2009). *Estratégias de Ensino –o saber e o agir do professor*. Porto: Fundação Manuel Leão.

Teodoro, V. (2003), *Modellus: Leraning Physics with Mathematical Modelling*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

Weiner, B. (1992). *Human motivation: Metaphors, theories and research*. Newbury Park: Sage.

Anexo 1 - Horário das aulas de Economia

Segunda as 12.30h

Terça as 11.30h

Quinta as 10.30h

Sexta às 16.30h

Duração das aulas : 50 minutos

Anexo 2 - Inquérito à Turma Cooperante

Inquérito à Turma Cooperante

Nome do aluno:

1- Considera que está a obter sucesso nesta disciplina?

2 - Considera que está motivado nas aulas de economia?

3 - Considera que a utilização de vídeos/novas tecnologias na disciplina de economia aumenta a sua motivação nas aulas?

4 - Quando obtém algum insucesso na disciplina de economia, por que motivos aconteceu esse insucesso?

5- O que poderia aumentar a sua motivação nas aulas de Economia?

6 - Pretende concluir o 12º ano neste curso de técnico de recepção? Ou pretende mudar de curso (ou desistir) antes de concluir o 12º ano?

7 - Reprovou em algum ano letivo? Por que motivo reprovou?

8 - Este curso foi a sua primeira opção? Por que motivo escolheu este curso?

9 - Gosta da disciplina de Economia? Gosta das aulas de Economia?

10 - Quais são as suas atividades preferidas nas aulas de Economia?

Anexo 3 - Planificação Anual

ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO SÉRGIO

PLANIFICAÇÃO ANUAL

Curso Profissional de Técnico de Recepção

Disciplina: Economia – 10.º Ano

Módulos	Conteúdos Programáticos	Objectivos	Blocos
1 - A Economia e o Problema Económico	<ul style="list-style-type: none"> • A Economia no contexto das ciências sociais • O objecto de estudo da Economia <ul style="list-style-type: none"> – O problema económico e a necessidade de efectuar escolhas – O custo de oportunidade – Necessidades e bens: noção e classificação 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentar o objecto de estudo da Economia. ▪ Aferir a necessidade de efectuar escolhas decorrente da existência de necessidades ilimitadas e de recursos escassos. ▪ Explicar o conceito de custo de oportunidade a partir da necessidade de efectuar escolhas. ▪ Explicar o carácter espaço-temporal das necessidades. ▪ Distinguir diversos tipos de necessidades. ▪ Classificar os diferentes tipos de bens económicos 	12 (18 h)
2 - Agentes Económicos e Actividades Económicas	<ul style="list-style-type: none"> • Os agentes económicos – Famílias, Estado, Empresas, Resto do Mundo <ul style="list-style-type: none"> – Funções – Actividades económicas (produção, repartição e utilização dos rendimentos) – Complementaridade das actividades económicas • A produção de bens e serviços <ul style="list-style-type: none"> – Noção – Sectores de actividade económica – Valor da produção nacional – PIB – Produção – combinação de factores de produção – Factores de produção: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalho; ▪ Capital – técnico (fixo e circulante), humano e natural; ▪ Recursos naturais (renováveis e não renováveis). – Avaliação da eficácia da produção: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Produtividade – noção, factores que a influenciam e cálculo da produtividade do trabalho ▪ Economias de escala e deseconomias de escala: noção e cálculo dos custos de produção – fixos, variáveis, médios e total – Melhorar a eficácia da produção: organização do processo produtivo, progresso técnico, formação dos recursos humanos e Investigação e Desenvolvimento (I&D) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Explicitar as funções dos diferentes agentes económicos. ▪ Explicar a complementaridade das actividades económicas. ▪ Relacionar produção com sectores de actividade económica. ▪ Relacionar os conceitos de valor acrescentado e Produto Interno Bruto (PIB). ▪ Reconhecer a produção como uma combinação de factores de produção. ▪ Caracterizar os factores de produção. ▪ Explicar a importância dos recursos naturais na actividade produtiva. ▪ Distinguir a combinação dos factores produtivos a curto e a longo prazo. ▪ Explicitar as formas de avaliação da eficácia da produção. ▪ Apresentar os factores que estão na base da melhoria da eficácia da produção. ▪ Explicar a importância da distribuição na actualidade. ▪ Distinguir os diferentes circuitos de distribuição. ▪ Caracterizar os diversos tipos de comércio. ▪ Indicar os diferentes métodos de vendas. ▪ Relacionar o processo de venda com o tipo de comércio e com o método de venda. ▪ Referir as várias etapas do processo de venda. ▪ Distinguir os diferentes tipos de consumo. ▪ Explicitar em que consiste a relatividade dos padrões de consumo. 	22 (33 h)

Módulos	Conteúdos Programáticos	Objectivos	Blocos
2 - Agentes Económicos e Actividades Económicas (continuação)	<ul style="list-style-type: none"> • Comércio e distribuição <ul style="list-style-type: none"> – Circuitos de distribuição: noção e tipos (ultra-curto, curto e longo) – Tipos de comércio: independentes, associado e integrado (sucursais, franchising, grandes superfícies e grandes superfícies especializadas) – Venda: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Métodos de vendas (venda directa, cibervenda, venda automática, venda por catálogo) ▪ Processo (acolhimento, criação de uma relação de confiança, levantamento de necessidades, apresentação dos produtos, tentativa de fecho, fecho e reclamações) • Consumo <ul style="list-style-type: none"> – Noção – Tipos (final/intermédio; essencial/supérfluo) – Relatividade dos padrões de consumo – factores explicativos: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Económicos (rendimento, preços e inovação tecnológica) ▪ Extra-económicos (estrutura etária dos agregados familiares, modos de vida, moda publicidade) – Consumerismo e o movimento dos consumidores – Direitos e deveres dos consumidores 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Explicar de que modo os factores extra-económicos influenciam os padrões de consumo. ▪ Justificar o aparecimento do consumerismo e do movimento dos consumidores. ▪ Enumerar direitos e deveres dos consumidores. 	

Módulos	Conteúdos Programáticos	Objectivos	Blocos
3 - Mercados de Bens e Serviços e de Factores Produtivos	<ul style="list-style-type: none"> • Mercado <ul style="list-style-type: none"> – Noção e componentes – Tipos (de bens e serviços, de trabalho, de capitais,...) • Estruturas dos mercados de bens e serviços <ul style="list-style-type: none"> – Concorrência perfeita, monopólio, oligopólio, concorrência monopolística • Funcionamento do mercado de concorrência perfeita <ul style="list-style-type: none"> – Lei da procura – Elasticidade procura-preço – Deslocações ao longo da curva da procura (preço) – Deslocações da curva da procura (rendimento e gostos dos consumidores) – Lei da oferta – Deslocações ao longo da curva da oferta (preço) – Deslocações da curva da oferta (tecnologia, preço dos factores produtivos) – O equilíbrio do mercado: o preço de equilíbrio • Mercado de monopólio <ul style="list-style-type: none"> – Factores justificativos da existência de monopólios (razões tecnológicas, legais e estruturais) – Problemas associados a formação dos preços (custos sociais, políticas de defesa da concorrência e discriminação dos preços) • Mercado de oligopólio <ul style="list-style-type: none"> – Tipos de oligopólio (concorrencial e cooperativo, de produtos diferenciados e homogéneos) • Mercado de concorrência monopolística <ul style="list-style-type: none"> – Características – Factores de diferenciação dos produtos transaccionados (preço, publicidade e características do produto) • Mercado de trabalho <ul style="list-style-type: none"> – Segmentação do mercado de trabalho – Procura, lei da procura e determinantes da procura de trabalho – Oferta, lei da oferta e determinantes da oferta de trabalho – Equilíbrio do mercado de trabalho: salário de equilíbrio – Deslocamentos das curvas da oferta e da procura de trabalho – Desequilíbrio do mercado de trabalho: desemprego – Intervenção no mercado de trabalho: sindicatos e Estado (salário mínimo) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relacionar a evolução do conceito de mercado com o desenvolvimento das novas tecnologias. ▪ Referir a existência de variados mercados. ▪ Apresentar as componentes do mercado (procura e oferta). ▪ Caracterizar as diferentes estruturas do mercado. ▪ Explicar a lei da procura. ▪ Reconhecer os diferentes graus de elasticidade da procura-preço. ▪ Relacionar os deslocamentos da curva da procura com as alterações das suas determinantes. ▪ Explicar a lei da oferta. ▪ Reconhecer os diferentes graus de elasticidade da oferta relativamente ao preço. ▪ Relacionar os deslocamentos da curva da oferta com as alterações das suas determinantes. ▪ Explicar o significado da situação de equilíbrio no mercado de concorrência perfeita. ▪ Justificar a existência de monopólios. ▪ Apresentar os problemas associados à formação dos preços em mercado de monopólio. ▪ Referir a existência de diferentes tipos de oligopólio. ▪ Caracterizar o mercado de concorrência monopolística quanto aos produtos transaccionados. ▪ Apresentar factores que permitem a diferenciação do produto neste tipo de mercado. ▪ Referir a segmentação do mercado de trabalho. ▪ Apresentar as componentes do mercado de trabalho (procura e oferta). ▪ Relacionar oferta de trabalho e salário (curva da oferta de trabalho). ▪ Explicar de que forma a mudança de gostos, as alternativas noutros sectores e as migrações se reflectem na oferta de trabalho. ▪ Relacionar procura de trabalho e salário (curva da procura de trabalho). ▪ Explicar o impacto da tecnologia e do preço do produto sobre a procura de trabalho. ▪ Explicitar o significado de salário de equilíbrio. ▪ Interpretar o desemprego como um desequilíbrio do mercado. ▪ Explicar a acção dos sindicatos e do Estado sobre o mercado de trabalho. 	16 (24 h)

Módulos	Conteúdos Programáticos	Objectivos	Blocos
4 - Moeda e Financiamento da Actividade Económica	<ul style="list-style-type: none"> • Moeda <ul style="list-style-type: none"> – Evolução: da troca directa a troca indirecta – Tipos (moeda-mercadoria, moeda metálica, moeda-papel, papel-moeda e moeda escritural) – Funções (meio de pagamento, medida de valor e reserva de valor) – As novas formas de pagamento – desmaterialização da moeda • Preço <ul style="list-style-type: none"> – Noção – Factores que influenciam a sua formação • Inflação <ul style="list-style-type: none"> – Noção – Formas de cálculo (homóloga e média) – Consequências da inflação no valor da moeda e no poder de compra • Poupança <ul style="list-style-type: none"> – Noção – Destinos (entesouramento, depósitos e investimento) • Investimento: <ul style="list-style-type: none"> – Noção – Funções (substituição, inovação e aumento da capacidade produtiva) – Tipos (material, imaterial e financeiro) – Importância do investimento em inovação tecnológica e I&D na actividade económica • O financiamento da actividade económica <ul style="list-style-type: none"> – Formas: auto-financiamento (capacidade de financiamento) e financiamento externo (necessidade de financiamento) – Financiamento externo – directo e indirecto 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Caracterizar os diferentes tipos de moeda. ▪ Explicitar as funções da moeda. ▪ Relacionar as novas formas de pagamento com a evolução tecnológica. ▪ Explicitar factores que influenciam a formação dos preços (custo de produção, mecanismo de mercado). ▪ Relacionar Índice de Preços no Consumidor (IPC) e taxa de inflação ▪ Distinguir formas de cálculo da inflação ▪ Explicar consequências da inflação ▪ Integrar a variável tempo nas decisões sobre utilização dos rendimentos. ▪ Referir os destinos da poupança. ▪ Explicar as funções do investimento na actividade económica. ▪ Distinguir os diversos tipos de investimento. ▪ Justificar a importância económica do investimento em I&D na actividade económica. ▪ Distinguir financiamento interno (auto-financiamento) de financiamento externo. ▪ Distinguir as diferentes formas de financiamento externo. ▪ Relacionar o crédito bancário com o financiamento externo indirecto. ▪ Reconhecer o mercado de títulos como uma fonte de financiamento externo directo. 	16 (24 h)

Na avaliação dos módulos serão utilizados os critérios de avaliação definidos em grupo, com recurso aos seguintes instrumentos:

- Matriz de observação do trabalho individual /grupo;
- Matriz de registo de atitudes e comportamentos;
- Apresentações orais/escritas de trabalhos;

- **Relatórios de actividades desenvolvidas;**
- **Testes de avaliação.**

Escola Secundária António Sérgio

Planificação

Economia – 10º Ano

Módulo 4

Moeda e Financiamento da Actividade Económica

Curso profissional de técnico de receção

Turma J

Professor: José Artur Pinto Marques Gomes

COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER

- usar os conceitos económicos para compreender aspectos relevantes da organização económica das sociedades;
- utilizar correctamente a terminologia económica;
- aplicar conceitos económicos em novos contextos;
- utilizar instrumentos económicos para interpretar a realidade económica portuguesa, da União Europeia e mundial;
- utilizar correctamente a Língua Portuguesa para comunicar;
- pesquisar informação, nomeadamente, com recurso às TIC;
- elaborar sínteses de conteúdo de documentação analisada;
- estruturar respostas com correcção formal e de conteúdo;
- utilizar técnicas de representação da realidade como esquemas-síntese, quadros de dados e gráficos;
- utilizar instrumentos económicos para conhecer a evolução da inflação e do investimento em Portugal e na União Europeia.
- propor projectos de trabalho, realizá-los e avaliá-los;
- apresentar comunicações orais recorrendo a suportes diversificados de apresentação da informação;
- revelar espírito crítico e hábitos de tolerância e de cooperação;
- apresentar e fundamentar os seus pontos de vista respeitando as
- demonstrar criatividade e abertura à inovação;
- realizar as tarefas de forma autónoma e responsável;
- revelar hábitos de trabalho individual e em grupo.
- usar os conceitos económicos para compreender aspectos relevantes da organização económica das sociedades, nomeadamente as formas de pagamento, a inflação, a formação dos preços, a poupança, o investimento e o financiamento.
- interpretar quadros e gráficos;

Módulo 4. Moeda e Financiamento da Actividade Económica

Fio condutor: Com este módulo, pretende-se que os alunos caracterizem as funções da moeda, o fenómeno da inflação e a utilização dos rendimentos na sua vertente da poupança, relacionando-a com o financiamento da actividade económica.

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	RECURSOS	CALENDARIZAÇÃO	AValiação
<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar os diferentes tipos de moeda • Explicitar as funções da moeda • Relacionar as novas formas de pagamento com a inovação tecnológica • Explicitar os fatores que influenciam a formação dos preços • Distinguir formas de calculo da inflação • Explicar consequências da inflação • Referir os destinos da poupança • Distinguir os diversos tipos de investimento • Justificar a importância do investimento em I&D • Distinguir financiamento interno de financiamento externo 	<p>4 - Moeda</p> <p>4.1. A evolução da moeda – formas e funções</p> <p>4.2. O Preço de um bem – noção e componentes</p> <p>4.3 A Inflação – noção e medida</p> <p>4.4. Poupança - noção e destinos</p> <p>4.5 Investimento - noção e funções</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Visualização de vídeos. • Exposição • Diálogo professor/alunos. • Análise de documentos do manual • Leitura e análise de notícias da imprensa escrita e de outro material • Realização de fichas de trabalho • Análise de estatísticas disponibilizadas por organismos nacionais e internacionais • Apresentações em powerpoint 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alunos • Pessoal docente • Família/ comunidade escolar <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manual da disciplina • Jornais • Site Pordata • Notícias de jornais • PowerPoints • Computador • Projetor • Pen Drive - USB 	<p>28 Aulas de 50 minutos (24 horas)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta do empenho colocado no desenvolvimento das atividades propostas • Participação, interesse, pertinência e demais atitudes e registo em grelhas de observação do trabalho e registo de atitudes e comportamentos • Apresentações orais e escritas de trabalhos individuais e/ou de grupo • Relatórios de atividades desenvolvidas • Formativa: fichas e testes • Sumativa – teste • Autoavaliação

MATRIZ DE OBJECTIVOS/CONTEÚDOS

CURSO: Curso Profissional : Técnico de receção

ANO: 10º Turma J

DISCIPLINA : Economia

UNIDADE

LECTIVA/MÓDULO: 4

FIO CONDUTOR: Pretende-se que os alunos caracterizem as funções da moeda, o fenómeno da inflação e a utilização dos rendimentos na sua vertente da poupança, relacionando-a com o financiamento da actividade económica.

Objectivos	Conhecer	Compreender	Aplicar	Analisar	Sintetizar	Avaliar	Criar
Conteúdos							
A evolução da moeda – formas e funções	X	X	X	X	X		
O Preço de um bem – noção e componentes	X	X	X				
A Inflação – noção e medida	X	X	X	X	X		
Poupança - noção e destinos	X	X	X				
Investimento - noção e funções	X	X	X	X	X	X	

Anexo 6 - Diário de campo

Data	Descrição	Reflexões
1/10/2015	Contacto inicial com a Professora Irma, após sugestão das professoras em Lisboa, para auscultar a sua disponibilidade.	
	A professora Irma demonstrou total disponibilidade.	
02/10/2015	Reuni-me com a professora Irma na sala dos professores, onde falamos sobre a turma e onde vi o horário das aulas. A escola teve obras e está em excelente estado.	
03/10/2015	Escolhi a turma do ensino profissional, técnico de receção.	
05/11/2015	<p>Encontrei-me com a professora cooperante na sala dos professores, e em seguida ambos fomos para a sala de aula. A professora não utiliza manual. A professora entrega no início da aula uma folha com uma ficha aos alunos. Em seguida explica aos alunos alguns conceitos, no final da aula os alunos resolvem os exercícios que estão na folha que a professora entregou no início da aula.</p> <p>No início da aula, a professora cooperante apresentou-me à turma e eu próprio expliquei aos alunos a razão da minha presença.</p> <p>A turma tem 23 alunos, a sala de aula dispõe de um computador e videoprojetor.</p> <p>Nem todos os alunos apresentam um comportamento adequado, mas a professora cooperante explicou-me detalhadamente as duas situações mais complicadas que a turma tem a esse nível.</p> <p>Um desses alunos levantou-se durante a aula, e andou pela sala, no final conversei com a professora cooperante sobre esse assunto, e a professora indicou-me que esse aluno está a ser medicado.</p> <p>Alguns alunos gostam de estar com os auscultadores nos ouvidos, a professora chamou-lhes à atenção sobre esse fato durante a aula.</p>	<p>A professora Irma utilizou predominantemente o método expositivo. Foram resolvidos exercícios de aplicação.</p> <p>A professora Irma formula os objetivos de forma adequada, adequa as estratégias às aprendizagens dos alunos, fomenta a participação e o envolvimento dos alunos nas atividades e mantém um ritmo adequado às características da turma.</p> <p>Quanto à relação Pedagógica com os alunos, a professora Irma fomenta um clima favorável à aprendizagem e à participação dos alunos, e promove a igualdade de oportunidades de participação.</p> <p>A principal diferença em relação às aulas que leciono habitualmente, passa pela utilização do manual, que eu gosto de utilizar, mas a professora cooperante não utiliza.</p>
6/11/2015	Encontrei-me com a professora	No início da aula

	<p>cooperante na sala dos professores, e em seguida ambos fomos para a sala de aula. Aula lecionada por mim integralmente</p> <p>Sumario : O trabalho</p> <p>A sala onde lecionei esta aula é pior, porque estão dois alunos por cada mesa, enquanto que nas aulas das segundas-feiras e das quintas-feiras as mesas dos alunos são individuais e estão separadas. Estas mesas tornam mais fácil para o aluno conversar com o colega do lado. Escrevi no quadro as fórmulas sobre a população. Dei exemplos práticos aos alunos, e coloquei questões aos alunos relacionadas com o trabalho.</p> <p>A sala de aula dispõe de um computador e videoprojetor, que não utilizei.</p>	<p>apresentei-me aos alunos, e entrei em dialogo com eles, perguntei-lhes se algum deles pretendia realizar exame nacional de Economia.</p> <p>A aula foi predominantemente expositiva.</p> <p>Nas aulas que leciono na minha escola, confesso que costumo ser mais incisivo em relação ao comportamento dos alunos do que fui nesta aula, esta abordagem menos incisiva que utilizei é a mais adequada a esta situação, e tenciono mantê-la nas próximas aulas.</p>
9/11/2015	Combinei com a professora deixar as próximas aulas lecionadas por mim para o momento em que o professor Belmiro estiver disponível para observar a aula.	
18/11/2015	Fui contatado pela Professora Ana Luísa Rodrigues acerca da ausência do protocolo em Lisboa. Enviei o protocolo à Professora Irma e pedi-lhe que a diretora da escola enviasse o protocolo o mais rapidamente possível para Lisboa. A diretora da escola estava ausente das instalações.	
19/11/2015	Teste sobre a Unidade 1	
24/11/2015	Os documentos foram entregues na direção da escola, e seguiram entretanto para Lisboa.	
25/11/2015	Combinei com a Professora Irma que os melhores dias para eu lecionar a aula que será observada pelo Professor Belmiro seriam numa segunda feira, ou numa quinta feira.	
2/12/2015	Fui avisado que o Professor Belmiro só estará disponível para observar a aula a partir de Janeiro de 2016, e comuniquei esse fato à Professora Irma.	
7/12/2015	Fui à secretaria da escola e falei com uma responsável, creio que da direção da escola, para me facultarem o projeto educativo da escola, que não está disponível na internet. Disseram-me para	

	pedi-lo por e-mail, e que iriam enviar-mo por e-mail.	
10/12/2015	Recebi o Projeto Educativo da escola no meu e-mail.	
28/1/2016	Foram definidas as datas em que irei lecionar as próximas aulas com a professora cooperante e com o professor Belmiro.	
2/2/2016	Encontrei-me com a professora cooperante na sala dos professores, e em seguida ambos fomos para a sala de aula. Aula lecionada por mim da unidade 2 - Agentes económicos e atividades económicas. Revisões para o teste que os alunos irão realizar da unidade 2. Nesta aula expliquei aos alunos a atividade económica, os agentes económicos e o circuito económico.	O aluno mais problemático que esta turma tinha foi expulso varias vezes noutras aulas, e está suspenso. Sem esse aluno na sala as aulas decorrem de forma mais calma.
4/2/2016	Encontrei-me com a professora cooperante na sala dos professores, e em seguida ambos fomos para a sala de aula. Aula lecionada por mim da unidade 2 - Agentes económicos e atividades económicas. A produção e os fatores produtivos. Produtividade. Economias de escala.	
5/2/2016	Encontrei-me com a professora cooperante na sala dos professores, e em seguida ambos fomos para a sala de aula. Aula lecionada por mim da unidade 2 - Agentes económicos e atividades económicas. Comércio e distribuição. Tipos de comércio. Vendas. Consumo, noção e tipos de consumo. Padrões de consumo.	
11/2/2016	Aula que será assistida pelo Professor Belmiro. Será a última aula de revisões sobre a unidade 2 - Agentes Económicos e Actividades Económicas. No final desta aula fiz uma pequena introdução aos conteúdos que serão abordados na unidade 3 - Mercados de Bens e Serviços e de Factores Produtivos.	
17/2/2016	Ficou acordado com a Professora Irma que irei lecionar as aulas referentes ao início da unidade 4.	
14/4/2016	Fui informado pela professora Irma que	

	as aulas da unidade 3 irão terminar na semana de 26 de Abril	
16/4/2016	Foram delineados os pormenores sobre a planificação das 5 aulas da unidade 4 que irei lecionar. A matéria a lecionar será matéria inicial da unidade 4, ou seja a evolução da moeda e a inflação.	
17/4/2016	A professora Irma informou-me que irei começar a lecionar as aulas do módulo 4 no dia 2 de maio.	
22/4/2016	Confirmei que todas as salas tinham o projetor a funcionar, tendo em conta que o projetor era essencial para a utilização das novas tecnologias.	
27/4/2016	O professor Belmiro confirmou que está disponível para assistir às aulas de terça feira, e de quinta feira.	
29/4/2016	Assisti à aula da professora cooperante, e testei os ficheiros que irei apresentar nas aulas, para não correr riscos com incompatibilidades de ficheiros, e evitar outros problemas informáticos que pudessem eventualmente surgir ao utilizar os meus ficheiros no computador da escola.	
2/5/2016	Encontrei-me com a professora cooperante na sala dos professores, e em seguida ambos fomos para a sala de aula. A aula decorreu conforme o planeado.	Os alunos parecem preferir a utilização de novas tecnologias na aula. O aluno mais indisciplinado foi expulso definitivamente da escola, e sem ele as aulas decorrem de forma mais calma.
3/5/2016	Aula assistida pelo professor Belmiro. Encontrei-me com o professor Belmiro e com a professora cooperante num café em frente à escola, e em seguida acompanhei ambos para a sala de aula. A aula decorreu conforme estava previsto no plano de aula.	
5/5/2016	Aula assistida pelo Professor Belmiro. Encontrei-me com o professor Belmiro e com a professora cooperante num café em frente à escola, e em seguida acompanhei ambos para a sala de aula. A aula decorreu conforme estava previsto no plano de aula.	
6/5/2016	Encontrei-me com a professora cooperante na sala dos professores, e em	Outra aluna considerada problemática pela

	seguida ambos fomos para a sala de aula. A aula decorreu conforme estava previsto no plano de aula. Outra aluna considerada problemática pela professora cooperante foi expulsa noutra disciplina, e também se encontra suspensa.	professora cooperante foi expulsa noutra disciplina, e também se encontra suspensa.
9/5/2016	Encontrei-me com a professora cooperante na sala dos professores, e em seguida ambos fomos para a sala de aula. A aula decorreu conforme estava previsto no plano de aula.	Na minha opinião todas estas aulas correram bem. Os alunos pareceram mais motivados agora, do que durante as aulas que lecionei no primeiro semestre (sendo que as aulas do primeiro semestre foram lecionadas sem a utilização de novas tecnologias).
9/6/2016	Assisti à aula da Professora cooperante e entreguei o inquérito para os alunos preencherem no início da aula. Dos 17 alunos presentes, 15 aceitaram preencher o inquérito.	

Agrupamento de Escolas António Sérgio
Área disciplinar de Ciências Socio-económicas
Curso profissional técnico de receção
Economia - 10ºano
Professor :José Artur Pinto Marques Gomes

Disciplina	Data	Hora	Sala	Ano	Turma
Economia	2-05-2016	12:30-13:20	A 1.10	10º	J

1.Contextualização	
Unidade didáctica	4.1.1 Moeda - Noção e funções da moeda
Objectivo principal da aula	Explicitar o conceito de moeda e as suas funções

2.Sumário
Noção e funções da moeda. Introdução aos conceitos de troca direta e troca indireta.

3.Conteúdos programáticos
 4 - Moeda e financiamento da atividade económica. 4.1 - Moeda 4.1.1 - Noção e funções da moeda 4.1.2 - Da troca direta à troca indireta

4. Competência (s) focalizada(s)
<ul style="list-style-type: none">• Compreender a importância da moeda e as suas funções• Distinguir a troca direta da troca indireta.

5.Desenvolvimento da aula (referir estratégias e recursos utilizados nos diferentes momentos da aula)

No início da aula, registo as faltas dos alunos no computador.

Nesta aula irei utilizar powerpoints pela primeira vez, a sala dispõe de projetor e de computador que utilizarei para projetar o vídeo.

Eu explicarei aos alunos em que consistia o conceito de moeda, darei exemplos de vários bens que foram utilizados como moeda no passado.

No powerpoint serão exibidas as funções principais da moeda, ao mesmo tempo que explico essas funções.

Serão exibidas algumas questões para os alunos responderem no powerpoint.

Será exibido um vídeo sobre uma nova tecnologia de pagamentos através do telemóvel sem ser necessário cartão de crédito, e no final do vídeo será perguntado aos alunos se consideram que naquele caso o telemóvel é moeda, e consoante as respostas que os alunos derem, será explicado que o telemóvel naquele caso não é moeda, mas permite transacionar a moeda, é um meio que é utilizado para transacionar moeda.

O vídeo tem como título "Nova tecnologia de pagamento por telemóvel sem contacto hi tech", e o guião com as perguntas sobre o será exibido no powerpoint.

Na restante aula, serão apresentados os conceitos de troca direta e de troca indireta, também com o auxílio do powerpoint.

6.Recursos

Computador, projetor, pen drive usb.

7.Avaliação

Durante a aula serão colocadas aos alunos diversas questões para verificar se os objetivos da aula foram atingidos.

Agrupamento de Escolas António Sérgio
Área disciplinar de Ciências Socio-económicas
Curso profissional técnico de receção
Economia - 10ºano

Professor :José Artur Pinto Marques Gomes

Disciplina	Data	Hora	Sala	Ano	Turma
Economia	3-05-2016	11:30-12:20	B 1.03	10º	J

1.Contextualização	
Unidade didáctica	4.1.2 Moeda - Da troca direta à troca indireta
Objectivo principal da aula	Caraterizar os diferentes tipos de moeda

2.Sumário
Explicar a evolução da moeda desde a pre-história até aos nossos dias.

3.Conteúdos programáticos
<p>4 - Moeda e financiamento da atividade económica.</p> <p>4.1 - Moeda</p> <p>4.1.2 - Da troca direta à troca indireta</p>

4. Competência (s) focalizada(s)
<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer os diferentes tipos de moeda.

5.Desenvolvimento da aula (referir estratégias e recursos utilizados nos diferentes momentos da aula)
--

No início da aula, registro as faltas dos alunos no computador.

Nesta aula irei utilizar powerpoints novamente, a sala dispõe de projetor e de computador que utilizarei para projetar os vídeos.

Irei fazer uma pequena revisão da matéria lecionada na aula anterior, para continuar a explicação sobre a evolução da moeda desde a pré-história até aos nossos dias.

Irei introduzir o conceito de moeda mercadoria, em seguida irei exibir no powerpoint algumas questões para os alunos responderem.

Depois serão explicados os conceitos de moeda metálica e a evolução da moeda papel para o papel moeda.

No powerpoint serão mostradas imagens de moedas metálicas e de papel moeda atualmente em circulação em Portugal.

Em seguida será explicado em que consiste a moeda escritural, e serão exibidas imagens de cheques e de cartões de crédito e de débito.

Será também exibido um vídeo sobre uma nova forma de movimentar a moeda escritural. Não serão exibidas as perguntas do guião do vídeo, eu lerei as perguntas do guião que tenho em papel.

Serão exibidas no powerpoint duas notícias de jornal que servirão para colocar questões aos alunos.

6.Recursos

Computador, projetor, pen drive usb.

7.Avaliação

Durante a aula serão colocadas aos alunos diversas questões para verificar se os objetivos da aula foram atingidos.

Agrupamento de Escolas António Sérgio
Área disciplinar de Ciências Socio-económicas
Curso profissional técnico de receção
Economia - 10ºano

Professor :José Artur Pinto Marques Gomes

Disciplina	Data	Hora	Sala	Ano	Turma
Economia	5-05-2016	10:30-11:20	A 1.10	10º	J

1.Contextualização	
Unidade didáctica	4.1 Moeda - Noção e funções da moeda 4.2 Preço de um bem, noção e componentes 4.3 Inflação
Objectivo principal da aula	Explicitar os factores que influenciam a formação dos preços.

2.Sumário
O Preço de um bem. Introdução ao conceito de inflação.

3.Conteúdos programáticos
<p>4 - Moeda e financiamento da atividade económica.</p> <p>4.1 - Moeda</p> <p>4.1.2 - Da troca direta à troca indireta</p> <p>4.2 - Preço de um bem: noção e componentes.</p> <p>4.3 - Inflação</p> <p>4.3.1 - Noção de inflação</p>

4. Competência (s) focalizada(s)
--

Fazer escolhas informadas com base nos fatores que influenciam os preços.

5.Desenvolvimento da aula (referir estratégias e recursos utilizados nos diferentes momentos da aula)
--

<p>No início da aula, registro as faltas dos alunos no computador.</p> <p>Depois disso será explicado aos alunos a desmaterialização da moeda, e serão realizados alguns exercícios que servirão para verificar se os conceitos da aula anterior foram compreendidos pelos alunos, estes exercícios estarão relacionados com a evolução da moeda e com os tipos de moeda.</p> <p>Em seguida será explicado aos alunos com o auxílio do powerpoint o que é o preço de um bem, e quais são os fatores que influenciam o preço de um bem.</p> <p>Serão colocados no powerpoint dois exercícios sobre os preços.</p> <p>Por fim será introduzido o conceito de inflação, com a exibição de um vídeo retirado do site Pordata sobre a inflação. Não exibirei no powerpoint as perguntas do guião, tenho o guião em papel, e, caso seja necessário, recorrerei ao guião. O vídeo chama-se "O que é a inflação".</p>

6.Recursos

Computador, projetor, pen drive usb.

7.Avaliação

Durante a aula serão colocadas aos alunos diversas questões para verificar se os objetivos da aula foram atingidos.

Agrupamento de Escolas António Sérgio
Área disciplinar de Ciências Socio-económicas
Curso profissional técnico de receção
Economia - 10ºano

Professor :José Artur Pinto Marques Gomes

Disciplina	Data	Hora	Sala	Ano	Turma
Economia	6-05-2016	16:30-17:20	A 1.10	10º	J

1.Contextualização	
Unidade didáctica	4.3 Inflação
Objectivo principal da aula	Explicar consequências da inflação

2.Sumário
A inflação.

3.Conteúdos programáticos
<p>4 - Moeda e financiamento da atividade económica.</p> <p>4.3 - Inflação</p> <p>4.3.1 - Noção de inflação</p> <p>4.3.2 - Consequências da inflação</p>

4. Competência (s) focalizada(s)
<ul style="list-style-type: none"> • Distinguir corretamente as diferenças entre inflação e deflação • Relacionar a inflação com o nível de vida da população

5.Desenvolvimento da aula (referir estratégias e recursos utilizados nos diferentes momentos da aula)
--

No início da aula, registro as faltas dos alunos no computador. Por ser sexta-feira já tinha planejado com a professora cooperante que não iria avançar muito na matéria, os alunos estão habituados a uma aula de sexta-feira mais relaxada. Será exibido novamente o último powerpoint da aula anterior, sobre a noção da inflação. Como o vídeo da última aula sobre inflação foi exibido perto do final da aula, será mostrado um outro vídeo com o título "O que é e como se calcula a inflação", no início desta aula, depois será exibido em powerpoint o guião do vídeo. Em seguida serão exibidos powerpoints sobre os tipos de inflação, as causas e as consequências da inflação.

6.Recursos

Computador, projetor, pen drive usb.

7.Avaliação

Durante a aula serão colocadas aos alunos diversas questões para verificar se os objetivos da aula foram atingidos.

Agrupamento de Escolas António Sérgio
Área disciplinar de Ciências Socio-económicas
Curso profissional técnico de receção
Economia - 10ºano
Professor :José Artur Pinto Marques Gomes

Disciplina	Data	Hora	Sala	Ano	Turma
Economia	9-05-2016	12:30-13:20	A 1.10	10º	J

1.Contextualização	
Unidade didáctica	4.3.3 A medida da inflação: o Índice de preços no consumidor.
Objectivo principal da aula	Relacionar Índice de Preços no Consumidor (IPC) e taxa de inflação

2.Sumário
O índice de preços no consumidor. Análise da taxa de inflação em Portugal e na União Europeia.

3.Conteúdos programáticos
<p>4 - Moeda e financiamento da atividade económica.</p> <p>4.3 - Inflação</p> <p>4.3.3 - A medida da inflação: o Índice de preços no consumidor.</p>

4. Competência (s) focalizada(s)
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o que é, e como se calcula o IPC

5.Desenvolvimento da aula (referir estratégias e recursos utilizados nos diferentes momentos da aula)

No início da aula, registro as faltas dos alunos no computador.

Depois disso será novamente explicado ao alunos o que é o Índice de preços no consumidor.

Os alunos irão em seguida analisar o gráfico da taxa de inflação em Portugal (1977-2009) relacionando acontecimentos como a adesão à CEE e a adesão ao euro com a taxa de inflação.

Depois será exibido no powerpoint um gráfico com a taxa de inflação anual em Agosto de 2015 em todos os países da União Europeia, os alunos poderão comparar a taxa de inflação nos diversos países.

Para terminar será exibido o vídeo "Protestos no Zimbabué por receio de nova onda de hiperinflação" e será exibido o guião com perguntas sobre o vídeo.

6.Recursos

Computador, projetor, pen drive usb.

7.Avaliação

Durante a aula serão colocadas aos alunos diversas questões para verificar se os objetivos da aula foram atingidos.

Grelha de observação de aulas

Disciplina: Economia **Turma:** J **Ano de escolaridade:** 10º

[illegible]

Anexo 9 - Guiões dos vídeos

Guião do vídeo "Nova tecnologia de pagamento por telemóvel sem contacto"

Vídeo do Euronews acessível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=VgBXpPd3DWo>

- 1 - Qual o assunto abordado no vídeo?
- 2 - Que vantagens encontram na utilização deste método de pagamento?
- 3 - Que desvantagens encontram na utilização deste método de pagamento?
- 4 - Consideram que o telemóvel, tal como é representado no vídeo, é moeda?
- 5 - Que função da moeda cumpre o telemóvel neste vídeo?

Guião do vídeo "Chip substitui dinheiro na Dinamarca"

Vídeo do euronews acessível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=TQJx2uA2DjM>

- 1 - A que tipo de moeda se refere o vídeo?
- 2 - No vídeo presenciamos transações de troca direta ou de troca indireta?
- 3 - Que tipo de moeda é transacionada no vídeo?
- 4 - Pensam utilizar este método de pagamento? Em que situações?
- 5 - Consideram que a inovação tecnológica proporciona novas formas de pagamento?

Guião do vídeo " O que é a inflação"

Vídeo do Pordata acessível em:

http://www.rtp.pt/noticias/isto-comigo/o-que-e-a-inflacaot_v816760

1 - O que é a inflação?

2 - O que é a deflação?

3 - O que significa a sigla IPC?

Guião do vídeo "O que é e como se calcula a inflação"

Vídeo da SIC acessível em:

<http://videos.sapo.pt/kUPTb3mu68DCgAa9W7Rm>

1 - Qual o assunto abordado neste vídeo?

2 - O que é um cabaz de compras?

3 - Como é calculada a inflação?

Guião do vídeo "Protestos no Zimbabué por receio de nova onda de hiperinflação"

Vídeo do euronews acessível em:

<http://pt.euronews.com/2016/08/17/protestos-no-zimbabue-por-receio-de-nova-onda-de-hiperinflacao>

1 - Qual o assunto abordado no vídeo?

2 - Qual foi a imagem mais forte que viu neste vídeo?

3 - Porque motivo os cidadãos do Zimbabué preferem utilizar o dólar dos EUA em vez da moeda nacional?

Anexo 10 - Autorização para aplicação de questionário

AUTORIZAÇÃO PARA APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

Na sequência do mestrado em Ensino da Economia e Contabilidade que frequento na Universidade de Lisboa e no âmbito do Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, venho por este meio solicitar autorização para aplicação de um questionário aos alunos da turma de Economia de 10º ano.

O questionário será anónimo e não será necessário que os alunos indiquem os seus dados pessoais, mas apenas que emitam opiniões sobre o decorrer das aulas de Economia.

Nome do aluno

Assinatura do Encarregado de Educação

Moeda

A moeda é um bem de aceitação generalizada que expressa o valor dos bens, funcionando como um intermediário das trocas.

Funções da moeda

- ▶ Funções da moeda:
- ▶ Medida comum de valor - a moeda simplifica as trocas, pois expressa o valor dos bens e serviços.
- ▶ Meio de pagamento - sendo a moeda aceite obrigatoriamente por todas as pessoas, permite adquirir qualquer bem ou serviço, bem como liquidar qualquer dívida.
- ▶ Meio de reserva de valor - é possível guardar moeda, ou seja poupar, para adquirir bens e serviços no futuro, podendo ser utilizada em qualquer momento.

Exercícios

- ▶ A moeda é um intermediário geral das trocas? Porquê?
- ▶ Explique duas funções da moeda que lhe permitem ser intermediário geral das trocas.
- ▶ Guião do vídeo:
 - ▶ 1 - Qual o assunto abordado no vídeo?
 - ▶ 2 - Que vantagens encontram na utilização deste método de pagamento?
 - ▶ 3 - Que vantagens encontram na utilização deste método de pagamento?
 - ▶ 4 - Consideram que o telemóvel tal como é representado no vídeo é moeda?
 - ▶ 5 - Que função da moeda cumpre o telemóvel neste vídeo?

3

Troca direta

Inconvenientes da Troca Directa:

- ▶ Dupla coincidência de desejos;
- ▶ Atribuição de valor de bens;
- ▶ Elevado número de transações
- ▶ Divisibilidade ou fraccionamento dos bens;
- ▶ Transporte de bens;



4

Troca indireta

Começam a ser utilizados alguns bens como intermediários na troca, que sendo aceites por todos os membros da comunidade permitem dividir a operação de troca em três partes: **trocar o bem que possuo por esse bem intermediário, posteriormente utilizá-lo para adquirir outros bens.**

Trata-se agora de uma **Troca Indirecta** funcionando esse intermediário como moeda, a **Moeda-Mercadoria** que constitui a forma mais rudimentar da moeda.

Moeda mercadoria

- ▶ Ao longo dos tempos, vários bens foram utilizados como Moeda-Mercadoria, as peles, os cereais, o sal, o gado ou o vinho. Apesar de constituir um grande avanço, o uso deste tipo de moeda levantava ainda alguns problemas:
- ▶ Sendo um bem útil, era utilizado para fins não monetários, podendo haver falta de moeda;
- ▶ Nem sempre poder ser fraccionado (gado ou peles);
- ▶ Por vezes ser difícil o seu transporte;
- ▶ Difícil de guardar no tempo, pois podia deteriorar-se (o vinho azeda ou o cereal apodrece)

6

Exercícios

- ▶ 1 - Em que consiste a troca direta?
- ▶ 2 - Qual a principal vantagem da troca direta em relação à troca indireta?
- ▶ 3 - Qual a principal desvantagem da utilização de um bem útil como moeda?
- ▶ 4 - A falta de dupla coincidência de desejos pode inviabilizar a troca direta? Justifique.

7

Moeda metálica

Com a utilização de metais preciosos, sobretudo o ouro e a prata, os inconvenientes apresentados pela moeda-mercadoria foram ultrapassados.

A forma metálica da moeda divulgou-se rapidamente, pois apresentava claras vantagens:

- relativamente inalterável com o tempo;
- fácil de transportar;
- difícil de falsificar;
- baixa procura não monetária;
- sendo de metal precioso, é rara e escassa.

Tipos de Moeda

Utilizadas atualmente

Metálica



•Entraram em circulação em 2002

Tipos de Moeda

Moeda de papel - Engloba a moeda representativa e o papel - moeda.

Moeda representativa - Notas em circulação que correspondem ao valor exacto depositado em metal precioso nos cofres dos bancos.

Moeda fiduciária - Notas emitidas num montante superior ao valor efectivamente depositado.

Papel-moeda – Notas inconvertíveis de curso forçado imposto pelo Estado.

Tipos de Moeda

Utilizadas atualmente

Papel (Papel moeda)



Tipos de Moeda

Moeda escritural - Esta moeda **resulta dos depósitos** feitos nos bancos e traduz-se nas movimentações de valores monetários feitas pelos bancos por simples jogos de escrita nas contas dos seus clientes. A **moeda-escritural** resulta, assim, da **circulação dos depósitos à ordem**.

Tipos de Moeda

Utilizadas atualmente

Escritural – Cheques

Pague por este cheque. EUROS

623,49

Assinatura(s) Maria de Fátima Serradinhas

Local de Emissão Lisboa

Ano 2008 Mês 03 Dia 25

Assinatura do beneficiário José Sebastião da Fonseca

a quantia de Seiscentos e vinte e três euros e quarenta e nove centimos

12345678< 12345678901+ 1234567890> 123456789012< 22+

Se favor não extrair nem cancelar neste espaço

•Quem já usou cheques? Com que frequência?

Tipos de Moeda

Utilizadas atualmente

Escritural – Cartões de crédito (moeda eletrônica)



- Não utiliza imediatamente o valor disponível em DO.
- Se o utilizador pagar 100% do valor em dívida no início do mês seguinte não paga juros.
- Taxa de juro muito elevada

Tipos de Moeda

Utilizadas atualmente

Escritural - Moeda informática

- É a designação que damos à moeda que resulta de ordens de pagamento dadas por computadores ao banco, através da utilização das funcionalidades que o banco dispõe pela internet.



Económico

- ESP EN EL MUNDO
- MERCADOS
- COMÉRCIO INTERNACIONAL
- EMPRESAS E FINANÇAS
- IMPOSTOS
- OPINIÃO DE EXPERTS

ARTÍCULOS DESTACADOS

- MERCADOS
- ECONOMIA POLÍTICA
- EMPRESAS E FINANÇAS
- CAMBIO
- OPINIÓN

Cartões de crédito são a maior causa de endividamento das famílias

30 Abr 2013 Maria Marques Silva

O crédito ao consumo, com destaque para os cartões e para as facilidades de descoberto, são a principal causa do endividamento em Portugal e são também as matérias mais reclamadas.




Renascença
 É tudo o que precisa de ouvir.


BOLA BRANCA


OUVIR EMISSÃO


FACEBOOK


TWITTER


YOUTUBE


GOOGLE+


RSS


ÚLTIMAS


INFORMAÇÃO


BOLA BRANCA


PROGRAMAÇÃO


MÚSICA


MULTIMÉDIA


OPINIÃO


EU


Últimas


País


Mundo


Política


Economia


Religião


Cultura


Saúde e Ciência


Informação de A


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email


Facebook


Twitter


YouTube


Google+


RSS


Email

Desmaterialização da moeda

Desmaterialização da moeda

A desmaterialização da moeda está associada ao surgimento de novas moedas.

Hoje em dia, a forma de moeda mais utilizada em todo o lado é a moeda escritural. Os cartões bancários, os cheques e as instruções informáticas aos bancos têm sido os substitutos dos pagamentos em dinheiro vivo.

Isso acontece devido ao facto de cada vez mais não existir contacto físico com a moeda. A moeda vai perdendo o seu conteúdo material.

18

Exercícios

- 1 - Ordene do mais antigo para o mais recente a evolução da moeda desde a pré-história até aos nossos dias.
- 2 - Indique uma vantagem da moeda metálica em relação ao gado(moeda mercadoria).
- 3 - Se uma moeda de 1 euro fosse em ouro, e pesasse 10 gramas em ouro, isso poderia provocar problemas? Quais?
- 4 - Qual a principal diferença entre o moeda papel e o papel moeda?
- 5 - Qual é o tipo de moeda que utilizam com mais frequência?
- 6 - Falar de moeda mercadoria é falar de troca direta?

19

Preço de um bem

- ▶ O preço de um bem, é a quantidade de moeda necessária para se obter um determinado bem ou serviço.
É importante distinguir o valor de troca do valor de uso:
- ▶ Valor de uso: corresponde ao conjunto das características próprias dos bens, que vai levar as pessoas a escolherem os bens.
- ▶ Valor de troca: corresponde ao valor dos bens, ao valor porque podem ser comprados.

20

Fatores que influenciam o preço de um bem:

- ▶ Os custos de produção, que entram na produção dos bens; CF e CV
- ▶ Os custos do fator trabalho, que são precisos para produzir os bens;
- ▶ Os preços dos bens, que possam ser substituíveis;
- ▶ A intervenção do Estado, através de pagamento de impostos fazendo aumentar os preços, ou através de subsídios fazendo diminuir os seus preços;
- ▶ A imagem de marca do produto, pois a empresa poderá pretender afirmar-se ao criar uma imagem de prestígio para o seu produto e assim fixar os seus preços mais elevados;
- ▶ O número de compradores e de vendedores, pois se uma empresa produz sozinha um bem, necessariamente terá mais possibilidades de fixar o preço de que a empresa que trabalha num mercado de concorrência, onde os compradores podem escolher a empresa que oferece melhores preços.
- ▶ Saldos, sazonalidade no turismo, datas especiais, etc.

21

Preço de um bem

- 1 - Que datas especiais influenciam o preço de certos bens?
Para cada data, diga quais os bens k são particularmente afetados.
- 2 - Os preços dum determinado bem são iguais em todas as lojas? Justifique com exemplos.

22

A Inflação

► A Inflação

A inflação é a subida inesperada, contínua e generalizada do preço dos bens e serviços.

A inflação é uma subida:

- Inesperada, porque não se trata de uma subida de preço esperada, como acontece por exemplo com os frutos de época;
- Contínua, porque tal subida deve ser observada ao longo de um determinado período de tempo;
- Generalizada, porque deve dizer respeito á maioria dos bens e serviços.

23

Video

“O que é e como se calcula a inflação”

- ▶ 1 - Qual o assunto abordado neste vídeo?
- ▶ 2 - O que é um cabaz de compras?
- ▶ 3 - Como é calculada a inflação?

27

Tipos de inflação

- ▶ - Inflação moderada: quando os preços sobem lentamente, a uma taxa, em geral, de um só dígito;
- ▶ - Hiperinflação: quando os preços sobem de forma descontrolada e anormal, atingindo valor muito elevados, com taxas de três ou mais dígitos.

24

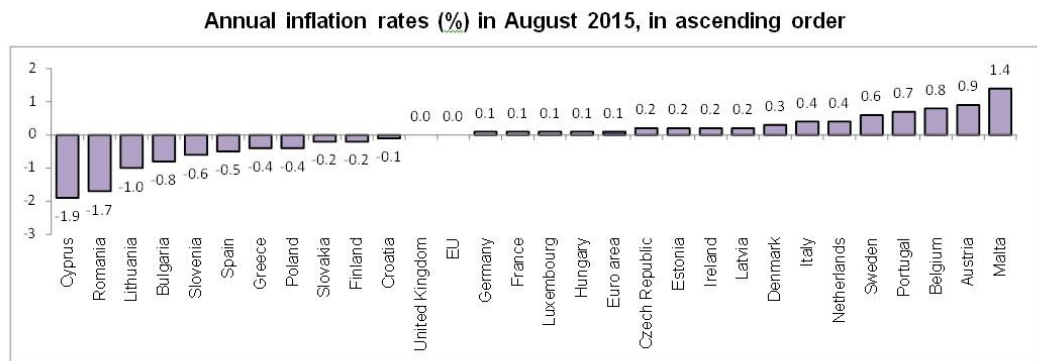
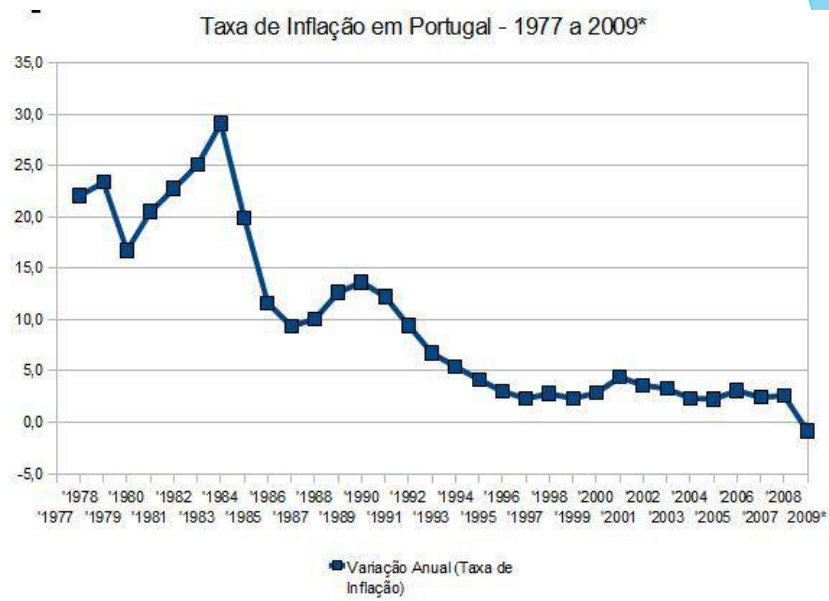
Causas da inflação

- ▶ - Excesso de moeda em circulação;
- ▶ - Aumento dos custos de produção;
- ▶ - Aumento dos salários sem aumento da produtividade;
- ▶ - Aumento da procura

Consequências da inflação

- ▶ - Depreciação do valor da moeda;
- ▶ - Depreciação das condições de vida;
- ▶ - Entesouramento de ouro ou moeda estrangeira
- ▶ - Deterioração das condições de vida

25



Fonte: Eurostat

“Protestos no Zimbabué”

- ▶ 1 - Qual o assunto abordado no vídeo?
- ▶ 2 - Qual foi a imagem mais forte que viu neste vídeo?
- ▶ 3 - Porque motivo os cidadãos do Zimbabué preferem utilizar o dólar dos EUA em vez da moeda nacional?

26